



Leia nesta edição

Editorial **pg. 2**

Tema de capa

Entrevistas

José Ângelo Wenceslau Goés: Fast food: espaço símbolo da supermodernidade **pg. 3**

Renata Menasche: Comida: alimento transformado pela cultura **pg. 8**

Klaas e Ellen Woortmann: O significado do alimento na família camponesa **pg. 12**

Maria do Carmo Soares de Freitas: Fome: ameaça a vida e interrompe sonhos **pg. 16**

Sonia Hirsh: A terapia de cozinhar **pg. 18**

Felipe Fernandez-Armesto: Novos hábitos alimentares – ruínas do microondas **pg. 20**

Brasil em Foco

Entrevista

Gláucio Ary Dillon Soares: Referendo: o que significa a vitória do “não”? **pg. 24**

Destaques da semana

Entrevista da Semana:

Antonio Negri: “A derrota dos EUA é uma derrota política” **pg. 31**

Livro da Semana:

PINTO E SILVA, Paula. *Ferinha, feijão e carne-seca*. São Paulo: Senac, 2005. **pg. 34**

Filme da Semana:

Alysson Oliveira: O jardineiro fiel. **pg. 36**

Memória:

Antonio Gnoli: Gilles Deleuze. 10 anos depois da sua morte. **pg. 39**

Alfredo José da Veiga Neto: Dez anos sem Gilles Deleuze. **pg. 41**

Deu nos jornais:
pg. 42
Frases da semana:
pg. 46

IHU em revista

Eventos **pg. 48**
IHU Repórter **pg. 65**

Editorial

Para conhecer e entender a cultura de uma sociedade, há vários caminhos. Um deles é o estudo e a compreensão da sua alimentação, sua maneira de comer e preparar os pratos.

“A alimentação é marcadora de identidade: somos o que comemos”, afirma Renata Menasche uma das entrevistadas desta edição da *IHU On-Line*. Ou como constata Sonia Hirsh, “...no comer têm significante cultural, psicológico, social, ambiental, religioso. É muita coisa ao mesmo tempo. Uma batata frita é muito mais do que uma batata frita”.

Comer em pé, rapidamente, sozinho, abandonar o “arroz com feijão” e adotar o hambúrguer é cada vez mais uma nova realidade brasileira. Algo inconcebível há pouco tempo atrás. Enfim, a globalização vai paulatinamente impondo um padrão de comer: o estilo *fast-food, junk food*.

A revista *IHU On-Line* discute o tema com as entrevistas de especialistas em diversas áreas do conhecimento.

Na editoria **Brasil em foco**, analisamos o resultado do referendo do último dia 23 de outubro. Gláucio Ary Dillon Soares, sociólogo, professor no IUPERJ, é contundente: “não havia um pesquisador empírico, que usa dados em criminologia, que fosse a favor do “não” em todo país”. E continua: “Fiquei impressionado também, e isso é um problema bem claro entre os gaúchos, de como pessoas com nível universitário fecharam suas mentes à demonstração empírica e científica e não queriam saber”.

Antonio Flávio Pierucci, docente na Universidade de São Paulo – USP – debaterá nesta semana, aqui na Unisinos, o clássico *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* de Max Weber, concluindo o I Ciclo de Estudos Repensando os **Clássicos da Economia**. Por sua vez, no *IHU Idéias*, o Prof. Dr. Antonio Flávio Pierucci apresentará o tema **Diversidade religiosa à brasileira**.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

Fast food: espaço símbolo da supermodernidade

Entrevista com José Ângelo Wenceslau Góes

“As condições geradas pela vida cotidiana, implicam a relação do sujeito com as experiências de tempo/espaço e diversidade, características deste meio, que se refletem no modo de comer e de se relacionar com a alimentação, povoando alterações no padrão alimentar. O curto período de tempo que as pessoas têm para comer transforma-as num dos traços visíveis da caracterização do modo de comer atual, principalmente nos centros urbanos, com abreviamento do ritual alimentar em suas diferentes fases, da preparação ao consumo”. Essa afirmação é de José Ângelo Wenceslau Góes, professor no Departamento de Ciências dos Alimentos da Universidade Federal da Bahia, em entrevista concedida por e-mail à revista **IHU On-Line**. Graduado em Nutrição pela UFBA, José Ângelo é mestre em Ciência dos Alimentos pela Universidade Federal de Lavras, e doutor em Saúde Pública pela UFBA, tendo sua tese o título Mudanças de hábitos alimentares e saúde: um estudo em Fast food.

IHU On-Line - O que caracteriza a alimentação *fast food*? Como se chegou a essa mudança de hábitos alimentares?

José Ângelo Góes – Por alimentação *fast food*, estamos designando os lanches que têm o hambúrguer como item principal no seu cardápio, além de outros também industrializados, vendidos em grandes redes de lanchonetes multinacionais. E restaurantes *fast food* são os que, tendo como item principal no seu cardápio o hambúrguer, organizam-se em grandes cadeias, por meio de um sistema de franquia e empregam, em suas cozinhas, técnicas tayloristas e fordistas de trabalho. A sociedade de consumo se desenvolve com base na generalização das relações de mercado e da melhoria das condições de existência dos trabalhadores. As modificações no estilo de vida, graças à urbanização e à industrialização crescente, à intensificação do trabalho feminino, à evolução das formas de distribuição dos alimentos e do marketing, entre outros fatores, são também responsáveis pelas mudanças nos hábitos alimentares nas

últimas décadas. É a evolução do consumo de alimentos industrializados, da alimentação fora do domicílio (em cantinas, restaurantes, *fast food*), a preferência pelos supermercados para a compra dos alimentos, a busca de praticidade, de economia de tempo etc.

O modo de vida urbano e a alimentação

O modo de vida urbano é o centro dessas mudanças. As condições geradas pela vida cotidiana, implicam a relação do sujeito com as experiências de tempo/espaço e diversidade, características deste meio, que se refletem no modo de comer e de se relacionar com a alimentação, povoando alterações no padrão alimentar. O curto período de tempo que as pessoas têm para comer transforma a pressa num dos traços visíveis da caracterização do modo de comer atual, principalmente nos centros urbanos, com abreviamento do ritual alimentar em suas diferentes fases, da preparação ao consumo. Se, por um lado, a prática alimentar se adapta à restrição de tempo, por outro,

a indústria de alimentos capitaliza esta problemática, oferecendo soluções para reduzir o gasto de tempo com a alimentação. Alimentos pré-cozidos, congelados, enlatados, reduzem as tarefas de preparo da alimentação. Na área de serviço, entregas em domicílio, *drive-thru*¹, *fast food*, são opções para o consumo imediato. Este panorama retrata duas tendências simultâneas: enquanto a alimentação tradicional vem perdendo espaço, novas práticas alimentares estão em ascensão.

IHU On-Line - Quais as piores conseqüências da alimentação *fast food* para a saúde das pessoas?

José Ângelo Góes - A má alimentação no Brasil é algo que se tem observado desde a época colonial. Em *Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira Sobre o Regime da Economia Patriarcal*², Gilberto Freyre já deixou evidenciado o predomínio da má alimentação em nosso país, naquele período, atribuindo à monocultura latifundiária e escravocrata a maior responsabilidade das deficiências alimentares brasileiras. Continua o autor informando que a alimentação era "má nos engenhos e péssima nas cidades, nos séculos XVI, XVII e XVIII". O estado de nutrição é definido como a disponibilidade e a utilização de nutrientes e energia celular. A situação nutricional seria considerada normal quando a oferta de nutrientes

¹ **Drive-thru** é um sistema de atendimento em que o cliente faz suas compras sem sair do carro. Rapidez no atendimento e comodidade de receber o pedido sem sair do carro são os grandes diferenciais desse conceito, criado pelo McDonald's, em 1975 e que se tornou um modelo de serviços em todo o mundo. (Nota da *IHU On-Line*)

² **Mário Maestri** apresentou o livro **Sobrados e mucambos**, de Gilberto Freyre, na programação do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido dia 15 de abril de 2004, pelo Instituto Humanitas Unisinos. Sua palestra originou o artigo publicado no **Cadernos IHU** número 6, de 2004, intitulado **Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações**. (Nota da *IHU On-Line*)

específicos providos pela alimentação correspondesse às necessidades metabólicas normais. Se a disponibilidade de energia e de nutrientes específicos se situa abaixo das necessidades, estabelecem-se as condições para o aparecimento das doenças carenciais. Ao contrário, se a oferta excede as exigências biológicas acima dos níveis toleráveis, a tendência seria a instalação da chamada patologia dos excessos nutricionais, tendo na obesidade sua expressão mais comum e representativa. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) experimentos e estudos observacionais têm evidenciado estreita relação entre características qualitativas da dieta e ocorrência de enfermidades crônico-degenerativas, como as doenças cardiovasculares, o diabetes mellitus não insulino-dependente³, diferentes tipos de câncer e mesmo a obesidade.

Os efeitos na saúde das dietas alimentares

Os efeitos adversos para a saúde em decorrência de dietas *affluent*, que prevalecem em países industrializados desenvolvidos, caracterizados por um excesso de alimentos de grande densidade energética, ricos em gorduras e açúcar refinado simples, e com deficiência de carboidratos complexos (fonte importante de fibras alimentares), vêm tornando-se evidentes nas últimas décadas. Pesquisas epidemiológicas têm demonstrado uma conexão entre este

³ **Diabetes mellitus não insulino-dependente (DMNID)** é o tipo mais comum de diabetes, que responde por 90 a 95% dos casos diagnosticados de diabetes e por quase todos os casos não diagnosticados. Usualmente se desenvolve em adultos com idade acima de 40 anos e é mais comum em pessoas com excesso de peso. Pessoas com esse tipo de diabetes usualmente produzem alguma insulina, mas as células do corpo não conseguem usá-la eficientemente porque as células são resistentes à insulina. Perdendo peso, fazendo exercícios, ou tomando medicamentos por via oral, a maioria das pessoas pode superar esta resistência à insulina. Entretanto, algumas precisam de injeções diárias de insulina. (Nota da *IHU On-Line*)

tipo de dieta e a emergência de uma série de doenças não-infecciosas, incluindo, doenças coronarianas e cérebro-vasculares, diabetes mellitus⁴, vários cânceres etc., de acordo com a Organização Mundial da Saúde. As causas das doenças crônicas são complexas, e fatores dietéticos são somente uma parte da explicação. Os indivíduos diferem em suas suscetibilidades aos efeitos adversos à sua saúde, de acordo com os fatores dietéticos específicos, mas no contexto de saúde pública o foco é a saúde de todas as populações. As intervenções em saúde pública visam a diminuir o risco à saúde de todas as populações até porque toda a população está em risco. Mudanças no consumo, por exemplo, de alimentos com baixo teor de sal, sem açúcar e gordura saturada, porém alto teor em fibras, têm surgido inicialmente em grupos econômicos mais altos. Progressos nas mudanças são lentos e até agora têm ocorrido sem nenhum apoio das políticas públicas.

O que leva à obesidade

Para a Organização Mundial da Saúde, a incidência de obesidade pode ocorrer pela interação dos fatores dietéticos, ambientais e também, pela predisposição genética dos indivíduos, porém evidências apontam que o aumento da prevalência da obesidade

⁴ **Diabetes Mellitus:** doença provocada pela deficiência de produção e/ou de ação da insulina, que leva a sintomas agudos e a complicações crônicas características. O distúrbio envolve o metabolismo da glicose, das gorduras e das proteínas e tem graves conseqüências tanto quando surge rapidamente como quando se instala lentamente. Nos dias atuais se constitui em problema de saúde pública pelo número de pessoas que apresentam a doença, principalmente no Brasil. Apresenta diversas formas clínicas, sendo classificado em: Diabetes Mellitus tipo I: ocasionado pela destruição da célula beta do pâncreas, em geral por decorrência de doença auto-imune, levando à deficiência absoluta de insulina; e Diabetes Mellitus tipo II: Provocado predominantemente por um estado de resistência à ação da insulina associado a uma relativa deficiência de sua secreção. (Nota da **IHU On-Line**)

em diferentes grupos populacionais relaciona-se, em especial, ao aumento do sedentarismo e aos hábitos alimentares inadequados por existir poucas evidências de que algumas populações são mais suscetíveis à obesidade por motivos genéticos. Vários fatores são importantes na gênese da obesidade, como os genéticos, os fisiológicos e os metabólicos; no entanto, os que poderiam explicar este crescente aumento do número de indivíduos obesos parecem estar mais relacionados às mudanças no estilo de vida e aos hábitos alimentares. O aumento no consumo de alimentos ricos em açúcares simples e gordura, com alta densidade energética, e a diminuição da prática de exercícios físicos, são os principais fatores relacionados ao meio ambiente.

Os números da obesidade no Brasil

Segundo a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) 2002-2003 do IBGE, em parceria com o Ministério da Saúde, o excesso de peso atinge 38,8 milhões de brasileiros adultos (40,6%), dos quais 10,5 milhões são considerados obesos. A referida pesquisa revela que, em geral, as famílias brasileiras consomem muitos alimentos com alto teor de açúcar, principalmente refrigerantes e poucas quantidades de frutas e hortaliças. Alguns fatores aumentam a probabilidade da ocorrência de doenças cardiovasculares, entre eles, hábitos alimentares, obesidade, elevação da pressão arterial, hereditariedade, insuficiente atividade física, aumento dos triglicerídeos e colesterol.

As doenças cardiovasculares

Nas últimas décadas, a prevalência de doenças cardiovasculares tem aumentando progressivamente, tornando-se um grave problema de saúde pública. Alguns estudos têm demonstrado haver uma associação positiva entre ingestão de gordura saturada e a prevalência dessas doenças, bem como uma associação negativa

com a ingestão de gordura insaturada. Esses conhecimentos motivaram uma evolução nas recomendações dos ácidos graxos, visando à sua melhor utilização, respeitando uma proporção adequada na dieta, a fim de diminuir a prevalência das doenças cardiovasculares. Os ácidos graxos trans estão presentes em produtos alimentícios industrializados que sofrem processo de hidrogenação parcial ou total de óleos vegetais ou marinhos, como margarinas duras ou cremosas, em produtos alimentícios manufaturados, como sorvetes, batatas fritas (*fast food*), bolos, pastéis. Nas últimas décadas, o consumo de margarina tem aumentado devido à substituição da manteiga.

IHU On-Line – Por que o *fast food* foi tão aceito pela população mundial? O que tanto motiva as pessoas a consumirem esses alimentos? O que conta mais, a praticidade e a rapidez, ou o sabor?

José Ângelo Góes – O *fast food* é o principal fenômeno de consumo no mundo moderno, e a carne aparece como o alimento de maior prestígio. O sanduíche e os refrigerantes ganham preferência quando o mais importante é a praticidade e a rapidez. A publicidade e a ideologia do consumo favorecem a formação de novos hábitos inimagináveis há pouco mais de três décadas. A população dos grandes centros está incorporando progressivamente novos hábitos alimentares típicos dos países desenvolvidos e assim um novo padrão alimentar está se delineando, com prejuízo dos produtos tradicionais da dieta, como, por exemplo, o feijão e a farinha de mandioca, e a favor de produtos industrializados e com maior valor agregado. Por outro lado, as refeições mais comunitárias/familiares intensivas em mão-de-obra e sabedoria culinária, e baseadas na “panela no fogo”, cedem lugar às frituras rápidas e individualizadas de alimentos

semiprontos ou de fácil preparo. Em tal modelo, a comida caseira do dia-a-dia é desprestigiada, em favor de alimentos individualizados, levando as pessoas a substituírem o lar pela lanchonete, devido às exigências de tempo e espaço.

O *fast food* como característica da modernidade

O sistema industrial de alimentos desde os anos 1970 se impõe como o regime alimentar predominante no Brasil. Rosa Wanda Diez Garcia, nutricionista, avalia que *fast food* é “uma resposta do mercado ‘capitalista’ que diz respeito a oferecer comida + tempo e ‘familiaridade’ global”. Analisa ainda que “as condições geradas pelo modo de vida urbano implicam a relação do sujeito com as experiências diferenciadas de tempo/espaço e com a diversidade, características deste meio, que se refletem no modo de comer e de se relacionar com a alimentação, provocando alterações no padrão alimentar”. O setor de alimentação *fast food* passa a caracterizar a modernidade, pois o ato de comer ganha, a partir dele, funcionalidade e mobilidade, não se identificando mais com o território, pois se adapta às circunstâncias que a mundialidade impõe. As empresas nacionais de *fast food* também não se importam mais com os antigos costumes alimentares nacionais, não há mais oposição nacional-internacional no setor dos alimentos, eles se misturam formando um todo mundial. As pessoas realmente aderiram a esse novo estilo de comer, sem oferecer resistência ao “comer formatado” com o *fast food*, sendo um espaço símbolo da supermodernidade. Ao se observar a realidade brasileira, percebe-se maior adesão ao consumo de alimentos prontos ou semiprontos, em detrimento da chamada “comida caseira”. É assim que os *fast food* se disseminaram e hoje fazem parte dos nossos hábitos de alimentação. Fazer refeições fora de casa, comer em pé rapidamente, abandonar o “arroz com

feijão” e adotar o hambúrguer eram hábitos inconcebíveis para o brasileiro, porém esta nova realidade se instalou no País.

IHU On-Line - Quais serão os resultados futuros das mudanças dos hábitos alimentares da sociedade de hoje?

José Ângelo Góes - Por um lado, podemos apontar todos os problemas de saúde decorrentes do excesso de gordura saturada, sal e açúcar, e a baixa ingestão de fibras, sais minerais e vitaminas, presentes no comer moderno. Por outro lado, o não comer junto, o não comer em família, em grupo, acarretará o individualismo e a não-socialização da refeição no mundo moderno, a solidão do ser humano.

IHU On-Line - Quais os maiores impactos que a globalização trouxe para o consumo de alimentos?

José Ângelo Góes - O processo de globalização configura um panorama não só econômico, mas também nas novas práticas e hábitos culturais. A alimentação se apresenta não só no panorama econômico, como também, na perspectiva das transformações culturais. O olhar intencional a ser lançado sobre a alimentação *fast food* encontra suas razões no fato de que é preciso examinar as interferências da globalização na vida cotidiana. Um dos pilares das mudanças observadas na alimentação contemporânea é a globalização da economia que facilita o acesso a uma série de produtos antes inaceitáveis. No plano da alimentação, a concentração de indústrias multinacionais de alimentos, a comercialização e distribuição centradas em redes de supermercados, a abertura das importações, o enfraquecimento da produção local, entre outros, são fatores que atingem diretamente o consumo de alimentos. A urbanização e a crescente metropolização de algumas cidades brasileiras são características que

permitem estabelecer alguma grande comparação com os países desenvolvidos. A tendência, observada naqueles países, de consumir produtos com grau de industrialização cada vez maior, apresentam inúmeros reflexos no Brasil. Os aspectos ligados à urbanização no Brasil e a grande velocidade deste processo, bem como a procura pelas grandes cidades, propiciaram mudanças profundas na alimentação de grande parte da população brasileira.

A influência das mudanças no mundo do trabalho

O mercado de trabalho nas grandes cidades trouxe como consequência o aumento da distância entre o local de moradia e o do trabalho. Apesar da melhoria no sistema de transportes, a rigidez nos horários de refeição não possibilita grandes deslocamentos. Isso tornou o hábito de fazer as refeições fora de casa uma necessidade crescente. A nutricionista Rosa Wanda Diez Garcia acredita que a globalização marca uma tendência à homogeneidade no padrão alimentar, todavia convivendo simultaneamente com a heterogeneidade. Ela avalia que a tendência se aplica à produção, distribuição e consumo de bens e serviços organizados com base em uma estratégia internacional, voltada para o mercado mundial. A globalização vai paulatinamente impondo um padrão de consumo que tende a ser cada vez maior pela necessidade de consumo de industrializados, decorrente da falta de tempo e da necessidade de se adquirir alimentos processados.

IHU On-Line - O quanto se gasta mundialmente em *fast food*?

José Ângelo Góes - No mundo, é registrada uma média de 47 milhões de clientes atendidos por dia ou cerca de 17 bilhões por ano na rede McDonald's. O faturamento em 2003 foi de US\$ 45,9 bilhões. A loja McDonald's de Atenas, com 400 funcionários, virou o

restaurante oficial das Olimpíadas em 2004. A previsão era servir 280 mil Big Macs, 400 mil porções de Chicken Mc Nugets e 100 mil saladas para cerca de 300 mil clientes, entre esportistas e turistas. Tudo isso em apenas 17 dias. No Brasil, o McDonald's conta com 36 mil funcionários. De 2000 para 2002, o faturamento passou de R\$ 1,46 bilhão para R\$ 1,70 bilhão. Em 2003, foram atendidos, em média, 1,5 milhão de clientes a cada dia. Em 1999, quando a

rede completava 20 anos de Brasil, o número de restaurantes havia aumentado dez vezes, 400 unidades em todas as regiões brasileiras. O restaurante número 500 no Brasil foi aberto em Porto Seguro, na Bahia. Em 1985, o McDonald's Brasil alcançou o seu primeiro recorde mundial, a marca de 58.185 sanduíches vendidos em uma única loja, registrada durante o Rock'n Rio.

Comida: alimento transformado pela cultura

Entrevista com Renata Menasche

Renata Menasche é pesquisadora na Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro), professora na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e membro da Sessão Brasileira da International Commission on the Anthropology of Food (Icaf: icaf-br@portoweb.com.br – <http://icaf.brookes.ac.uk>). Graduada em Agronomia pela Universidade de São Paulo (USP), é mestre em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, pela UFRJ. Sua dissertação de mestrado intitula-se *Percepções e projetos: agricultura familiar em mudança - o caso da região de Santa Rosa, Noroeste do Rio Grande do Sul*. A professora é doutora em Antropologia Social, pela UFRGS, tendo sua tese o título *Os grãos da discórdia e o risco à mesa: um estudo antropológico das representações sociais sobre os cultivos e alimentos transgênicos no Rio Grande do Sul*. Renata é co-autora de **Gênero e agricultura familiar: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite**. Curitiba: DESER/CEMTR, 1996; e uma das organizadoras de **Gênero e Agricultura Familiar**. São Paulo: SOF, 1998. Em entrevista concedida por e-mail à revista **IHU On-Line**, ela afirma que “a comida pode ser entendida como alimento transformado pela cultura, do mesmo modo que o ato alimentar se realiza com base nas relações de sociabilidade. A fome e a sede são, assim, formuladas e satisfeitas em termos culturais, sociais e históricos”.

IHU On-Line - Em que medida é possível entender o ato de comer como uma manifestação cultural, com implicações históricas, antropológicas e sociológicas?

Renata Menasche – Talvez um bom ponto de partida para esta discussão seja a diferenciação entre alimento e comida, estabelecida por Roberto

DaMatta⁵ ao analisar o caso brasileiro: toda substância nutritiva é alimento, mas nem todo o alimento é comida. Por isso, alimentos considerados iguarias por determinadas sociedades ou grupos sociais (e/ou determinadas épocas),

⁵ DaMatta, Roberto. *Sobre o simbolismo da comida no Brasil*. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, 15(7), p.22-23, 1987. (Nota da entrevistada)

muitas vezes, são abominados por outros. Disso todos sabemos, basta observar a cara de nojo que muitos de nós fazemos ao assistir a uma reportagem na TV que mostre, por exemplo, como a carne de cachorro é apreciada em algumas regiões da Ásia, ou o prazer com que se delicia populações esquimós ao degustar o fígado cru de uma foca. Do que dificilmente nos damos conta é que asco equivalente possivelmente seria provocado pelo mais saboroso de nossos churrascos entre considerável parcela da população da Índia, para quem a vaca é sagrada. Cada sociedade classifica, segundo seus valores, os alimentos que têm disponíveis, e nem toda a substância nutritiva será classificada como comida: o que se come, com quem se come, quando, como e onde se come... enfim, as escolhas, proibições e tabus alimentares são definidos pela cultura. A comida pode, assim, ser entendida como alimento transformado pela cultura, do mesmo modo que o ato alimentar se realiza com base nas relações de sociabilidade. A fome e a sede são, assim, formuladas e satisfeitas em termos culturais, sociais e históricos.

IHU On-Line - Quais os principais significados contidos no ato de comer? Como se inter cruzam identidade social, imaginário e representações sociais na alimentação?

Renata Menasche - Como disse o pesquisador francês Claude Fischler⁶, o homem é um onívoro que se alimenta de carne, de vegetais e de imaginário. O

⁶ Fischler, Claude. Présentation. Communications, Paris, 31, p.1-3, 1979. (Nota da entrevistada). Claude Fischler é co-diretor do CETAH (Centro de Estudos Transdisciplinares - Sociologia, Antropologia e História), pesquisador e membro da École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Integra a comissão científica da AFSSA, agência francesa de Segurança Alimentar. É um dos editores executivos da revista internacional Appetite e membro do conselho editorial da revista francesa Communications. (Nota da **IHU On-Line**)

ato alimentar implica, desse modo, em valoração simbólica. Qual a boa comida? O que se come em dias comuns, finais de semana, dias de festa? Que alimentos são considerados perigosos? Quais os alimentos tidos por saudáveis? Homens, mulheres, idosos(as), jovens e crianças: quem come o quê? Perpassada por aspectos simbólicos, as escolhas dos alimentos podem expressar o *status* de um indivíduo em uma sociedade. E isso aprendemos desde cedo. Ao recusar levar à escola um lanche caseiro, preferindo o produto industrializado; ou ao eleger como local preferido para refeições fora de casa a loja da rede de *fast food*, é essa a mensagem que a criança está buscando afirmar ante seus coleguinhas: sou “bacana” (essa não deve ser uma expressão que essa geração utilize) por comer esse tipo de alimento. Da mesma forma, a cozinha de um grupo social expressa sua identidade, o pertencimento ao grupo. Os que já viajaram e tiveram oportunidade de, em outras terras, ter contato com conterrâneos, sabem disso. Basta estar fora do Rio Grande do Sul para que um gaúcho se torne especialista em churrasco; assim como é condição suficiente estar no exterior para que muito brasileiro que até então jamais havia temperado um feijão se torne autoridade em feijoada. A alimentação é marcadora de identidade: somos o que comemos.

IHU On-Line - Em que sentido a comida pode ser vista como fenômeno social, especialmente no Brasil?

Renata Menasche - Dado o tamanho do País, o Brasil apresenta uma significativa diversidade regional, derivada não apenas de seus aspectos físicos, mas também das variadas condições históricas e de apropriação e colonização do território. Cada região possui hábitos alimentares próprios, mas também pratos emblemáticos, que servem como marcadores identitários

regionais. Mas, à parte as práticas alimentares diversificadas, existem outras, encontradas em todo o País e em todas as classes sociais, representadas pelo consumo do feijão com arroz e da farinha de mandioca, combinação que pode ser considerada como constitutiva da comida básica do brasileiro, presente em seu cotidiano, mas também em momentos especiais, compartilhados com parentes, vizinhos e amigos: a feijoada. Ter em conta essa diversidade cultural é fundamental, ou, por mais bem intencionados que fossem, estariam destinados ao fracasso quaisquer programas destinados a melhorar a situação alimentar de populações carentes. Se, na alimentação, se traduz a identidade de um grupo social, temos que, no centro do debate sobre as políticas públicas voltadas para a superação da falta de comida, deve estar posta a idéia da eliminação da fome como inclusiva em uma perspectiva mais ampla que a da imperativa satisfação das necessidades biológicas. O combate à fome, para que tenha eficácia, deve, respeitando a diversidade, ser também construtor de cidadania.

IHU On-Line - Quais as principais influências da comida de outras nações nos pratos brasileiros?

Renata Menasche - É certo que o que hoje é denominada de "cozinha brasileira" é resultado de uma grande mistura de elementos, das mais diversas procedências. Sobre isso muito já se falou. Talvez mais interessante seria comentar os efeitos da presença relativamente recente entre nós das cozinhas de diferentes países, isso que podemos facilmente observar nas praças de alimentação de qualquer *shopping center* dos muitos que têm se disseminado nas grandes cidades brasileiras, ou a presença, nas gôndolas dos supermercados, independentemente da época do ano, de produtos originários não apenas de diferentes regiões brasileiras, mas de

inúmeros países, ou a expansão, no País e no mundo, que vêm tendo as grandes cadeias de *fast food*. Deveríamos, talvez, nos indagar se chegará um dia em que os povos dos diferentes pontos do planeta se alimentarão de modo idêntico. É bem verdade que o processo de globalização promove uma uniformização dos produtos consumidos, dos comportamentos alimentares e dos gostos. Entretanto, o que inúmeras pesquisas, realizadas em diversos países, vêm observando, é que concomitantemente a esse processo vem ocorrendo uma diversificação em escala local. Como mostra Canclini⁷, não se deve entender o global como substituto do local. A relação da globalização com as culturas locais e regionais não seria, então, apenas de homogeneização: as diferenças podem persistir, vindo a ser, muitas vezes, apropriadas pelo mercado. Talvez um bom exemplo desse processo seja a forma como a rede de *fast food* McDonald's incorpora, nos diferentes países, produtos e características locais. Na França, por exemplo, o sanduíche que é vendido em todo o mundo leva um queijo de fabricação local, apreciado pelos franceses, que levam muito a sério seus queijos. Mas lá, diferentemente do que ocorre aqui, esse sanduíche não poderá ser acompanhado por água de coco, ou seguido de uma sobremesa feita com maracujá. Dessa forma, a homogeneização dos modelos de consumo alimentar deve ser relativizada, uma vez que os elementos que têm em comum são, de fato, interpretados segundo as diferentes culturas, inserindo-se em estruturas fortemente marcadas pelas particularidades locais.

IHU On-Line - Quais as mudanças culturais introduzidas pelo microondas e pelo freezer?

⁷ Canclini, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 266p. (Nota da entrevistada)

Renata Menasche – Há alguns estudos interessantes que mostram como a introdução de equipamentos como esses transformaram hábitos e representações sobre a alimentação. Vou buscar destacar alguns aspectos a respeito. Sobre o freezer, gostaria de falar um pouco das mudanças decorrentes de sua introdução na vida de algumas comunidades rurais gaúchas que estudei. Antigamente, a carne mais consumida nessas localidades não era a bovina, e sim a suína (que se prestava melhor ao armazenamento, realizado à época em barris cheios de banha). Quando uma família abatia um boi, era um verdadeiro evento na comunidade: os vizinhos e parentes vinham ajudar, e a carne (que não podia ser conservada por muito tempo) era distribuída entre eles. Assim, naquele momento, todas as famílias envolvidas dispunham de carne fresca. Após algum tempo, o ritual de abate e distribuição de carne bovina, por meio do qual se renovavam as relações de sociabilidade da comunidade, seria promovido por outra família... e assim por diante. Com o advento da eletricidade, e mais especificamente do freezer, a possibilidade de armazenamento fez com que cada família rural passasse a consumir carne bovina quase que cotidianamente, deixando de ser realizada a troca entre vizinhos e parentes. Assim, a chegada do freezer alterou não apenas os hábitos alimentares daquele grupo, mas também as práticas de sociabilidade em seu interior. Não se trata aqui de avaliar se o uso de uma dada tecnologia é bom ou ruim, mas de buscar observar que tipo de mudanças pode causar, particularmente no que se refere às percepções em relação à alimentação.

O microondas

Com relação ao forno microondas, alguns estudos mostram (e também em minhas pesquisas com consumidores de Porto Alegre pude notar) uma forte

desconfiança em relação ao emprego desse equipamento, associada a elementos, como a rapidez do cozimento, o aquecimento dos alimentos do interior em direção ao exterior e a invisibilidade das ondas (que caracterizariam a ação do forno microondas como inversa ao modo de funcionamento dos fogões convencionais), e as restrições de emprego do equipamento por uma série de recomendações (como o não-emprego de metais e a não-introdução de ovos ou outros alimentos com cascas, sem que perfuradas, sob risco de explosão). Esse receio de absorção de alimentos tornados nocivos sem que o aparentem poderia ser associado à desconfiança existente em relação aos alimentos industrializados e aos hábitos alimentares modernos.

IHU On-Line – Quais as influências da alimentação com transgênicos na cultura e na saúde das pessoas?

Renata Menasche – É notório que o tema é polêmico, assim como sabemos que são ainda desconhecidos os possíveis efeitos dos alimentos e cultivos transgênicos na saúde e no meio ambiente. Assim, vou restringir-me a comentar rapidamente alguns dos aspectos que, em pesquisa realizada em 2003, durante a elaboração de minha tese de doutorado⁸, pude observar a respeito das percepções de moradores de Porto Alegre entrevistados a respeito dos alimentos transgênicos. Mas para isso faz-se necessário trazer algo de sua visão sobre o que poderíamos denominar de comida moderna. Embora o consumo de alimentos industrializados em geral, e pré-

⁸ MENASCHE, Renata. *Os grãos da discórdia e o risco à mesa: um estudo antropológico das representações sociais sobre os cultivos e alimentos transgênicos no Rio Grande do Sul*. 283f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <http://sabix.ufrgs.br/ALEPH/file/bibdigital> (Nota da entrevistada)

preparados em particular, seja bastante difundido, muito poucos seriam os informantes que remarcariam a praticidade, facilidade ou economia de tempo decorrentes de sua utilização, a maioria preferindo ater-se a comentar o que percebem como seus efeitos negativos. Os produtos industrializados são por eles desqualificados, ao mesmo tempo que são afirmados como preferíveis os percebidos como naturais, associados a uma imagem idealizada do campo. No entanto, os mesmos alimentos produzidos pela indústria agroalimentar desqualificados nos depoimentos dos moradores de Porto Alegre entrevistados são por eles cotidianamente consumidos. Ao longo

da pesquisa, pôde-se observar que, para os consumidores entrevistados, os alimentos transgênicos são percebidos como incluídos em uma série de medos contemporâneos, vindo a ser associados a clone, radiação, vaca louca, mutação, má-formação fetal e câncer. Se é possível afirmar que entre a maior parte dos moradores de Porto Alegre entrevistados os alimentos transgênicos são objeto de rejeição, temo que essa opinião não necessariamente encontrará – do mesmo modo que ocorre com a dita comida moderna – correspondência em suas atitudes diante das prateleiras dos supermercados e à mesa.

O significado do alimento na família camponesa

Entrevista com Klaas e Ellen Woortmann

A importância da alimentação para a família camponesa é o tema da entrevista que segue, feita por e-mail, pela revista *IHU On-Line*, ao casal de professores Klaas e Ellen Woortmann, da Universidade de Brasília (UnB). Eles afirmam que “na alimentação camponesa, a quantidade e a diversidade são mais importantes do que a qualidade, isto é, a sofisticação. Isso ocorre porque a família camponesa produz a maior parte daquilo que consome, o que pode levar a uma dieta razoável, porém pouco variada e marcada pela sazonalidade”. Klaas leciona no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. É graduado em Geografia e História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), doutor em Antropologia Social e Cultural pela Harvard University, dos Estados Unidos, com a tese *Marginal Men and Dominant Women: Kinship and Sex Roles Among the Poor of Bahia*, e pós-doutor pela University of Sussex, da Inglaterra. Klaas é autor de, entre outros, *Religião e Ciência no Renascimento*. Brasília: UnB, 1997; *O Trabalho da Terra: A Lógica e a Simbólica da Lavoura Camponesa*. Brasília: UnB, 1997; e *O Selvagem e o Novo Mundo*. Brasília: EDUnB, 2004.

Ellen Fensterseifer Woortmann ensina no Departamento de Antropologia da UnB. Graduada em História pela Unisinos, é mestre e doutora em Antropologia pela UnB, tendo sua tese o título *Colonos e Sitiantes: um estudo comparativo do parentesco e da reprodução social camponesa*. Ellen é autora de, entre outros, *A*

Colonização Alemã no Vale do Mucuri. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro, 1993; *Gênero e Meio Ambiente na Amazônia Brasileira*. Brasília: Instituto Sociedade População e Natureza, 1994; *Herdeiro, Parentes e Compadres: Colonos do Sul e Sítiantes do Nordeste*. Brasília; São Paulo: EDUnB; Hucitec, 1995. A professora é também co-autora, com Klaas Woortmann, de *O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília-DF: EDUnB, 1997.

IHU On-Line - Qual o significado que a família camponesa dá para a alimentação?

Klaas e Ellen Woortmann - Lembrando que a palavra família se origina de *famulus*, quer dizer, famintos ao redor de um pote ou panela com comida, ou que, nos recenseamentos da Coroa Portuguesa, registravam-se os “fogos”, quer dizer, casas com famílias ao redor de um fogão, podemos dizer que o ideal da família camponesa é organizar sua produção conforme suas características e necessidades, e em segunda prioridade, para a venda. Para eles, produzir significa levar em conta as necessidades de alimentos de crianças, idosos e doentes, para aqueles membros que trabalham muito pesado etc.

IHU On-Line - Quais as principais características da alimentação no meio rural?

Klaas e Ellen Woortmann - As características da alimentação variam muito. Em nossas pesquisas mostramos que, na alimentação camponesa, a quantidade e a diversidade são mais importantes do que a qualidade, isto é, a sofisticação. Isso ocorre porque a família camponesa produz a maior parte daquilo que consome, o que pode levar a uma dieta razoável, porém pouco variada e marcada pela sazonalidade. Crises na família ou decorrentes de fatores ambientais podem levar à que o consumo de alimentos seja reduzido a um mínimo necessário por certos períodos. Em nosso livro, *O Trabalho da Terra*, sobre o sertão do Nordeste, apontamos que a ameaça de fome devido às freqüentes

secas, faz com que a preocupação com a produção de alimentos seja ainda maior. A colheita de um ano representa a segurança alimentar da família e a obtenção de sementes, a garantia de consumo do ano seguinte. Aqui no Sul, há registros de crises temporárias, ainda que menos intensas, decorrentes de fortes geadas ou, em tempos antigos de pragas, como as de gafanhotos que comprometiam a produção no sistema antigo dos teuto-brasileiros, - a presença de várias formas de gordura e carne de porco está diretamente ligada à tradição teuto-nórdica de comida e ao grande dispêndio de energia decorrente do árduo trabalho físico. Este sistema hoje está sendo substituído - até porque os colonos já dispõem de equipamentos que lhes facilita o trabalho - e a comida tradicional passou a ser saboreada em restaurantes coloniais nos fins-de-semana.

IHU On-Line - Com as incontáveis opções de lugares para comer fora de casa e de serviços de entrega em domicílio, e a propagação dos alimentos pré-cozidos e congelados, estará o velho fogão doméstico fadado a virar peça de museu?

Klaas e Ellen Woortmann - Poderíamos responder sim e não. Sim, porque durante a semana o fogão, no sentido de fonte de calor para a preparação da comida que nutre biologicamente a família, muitas vezes é substituído pelo balcão do *self-service* no restaurante ou pelo microondas em casa. Contudo, pode-se também responder não, no sentido de que no fogão se prepara a comida que nutre socialmente os indivíduos, estreitando

as relações entre as pessoas. Quer dizer, é no fogão que se prepara o almoço de domingo da família, o jantar para os amigos, e também a água do chimarrão!

IHU On-Line - Quais os sentidos simbólicos que pode haver por detrás das práticas alimentares?

Klaas e Ellen Woortmann - Em palestra proferida recentemente na Fiocruz, usamos a expressão - “a comida fala”. A comida que servimos às visitas, mais do que falar de seu valor nutricional, passa um valor social - fala de proximidade, de amizade, agregação, estreitamento de laços sociais e afetivos. Alguém pensaria em servir um feijão requentado a convidados? Não! Serve-se feijoada preparada com capricho ou um churrasco com todos os detalhes e acompanhamentos que unem as pessoas; brinda-se com as bebidas servidas. Mas a comida sofisticada de hoje também “fala” de fome no passado. O *fondue*, por exemplo, hoje charmoso, caro e especial, tem sua origem na comida de camponeses suíços que, ao se encontrarem nas montanhas para onde levavam seu gado, se reuniam ao redor de um fogo e de um pote no qual cada um tirava de seu bolso o queijo produzido em seus diferentes lugares de origem. Essa comida, que os aquecia do frio e da solidão do trabalho, era acompanhada de pedaços de pão preto, feitos, muitas vezes, de sementes selvagens porque o trigo era raro e caro. Da mesma forma, como mostra Darnton⁹, as histórias infantis tradicionais, dos Irmãos Grimm, por exemplo, também nos “falam” da vida dos camponeses da Europa. Elas mostram a fome dos personagens, a luta do cotidiano para manter grandes famílias, as estratégias para obtenção de comida, e menciona-se sempre a

⁹ **Robert Darnton**: historiador norte-americano, conhecido do público brasileiro, sobretudo pela publicação de *O grande massacre dos gatos* (Rio de Janeiro: Graal, 1986) e *Boêmia literária e Revolução* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987). (Nota da *IHU On-Line*)

recompensa do herói na forma de grande banquete que lhe é servido, e é claro, a mão de uma bela princesa.

Os sentidos simbólicos na alimentação

Há muitos sentidos simbólicos nas práticas alimentares. Nelas são reveladas expressões de *status*, de hierarquia, observando-se o lugar que lhe é designado para sentar, quem come primeiro, onde a comida é servida ou consumida etc. Em famílias tradicionais, por exemplo, cabe ao pai, como *pater* famílias, sentar à ponta da mesa, tendo a esposa de um lado e em geral o filho mais velho de outro; no Japão, pelo contrário, quanto mais importante é a pessoa, mais central é a posição que ela ocupa à mesa. Assim, se um de nós ocidentais participar de um almoço tradicional japonês e for colocado na ponta... Vale mencionar também o caso de um recente almoço do qual participamos na colônia grega de Brasília. Finalizadas as apresentações folclóricas, o arcebispo, o embaixador e as demais autoridades foram os primeiros e - diga-se de passagem - os únicos, a serem servidos pelas esposas dos organizadores do evento em suas mesas situadas no plano central do salão. Depois de servidas as autoridades, o público foi convidado a formar fila e se servir do excelente *buffet* preparado. Servir primeiro, esperar pacientemente, colocar as autoridades em lugar especial, foram evidentemente maneiras de expressar o respeito e apreço do grupo pelas autoridades presentes, em especial pelo arcebispo, que veio especialmente de Buenos Aires para prestigiar o evento.

IHU On-Line - Como aparece no meio rural a preocupação com a nutrição?

Klaas e Ellen Woortmann - Cada região possui os seus padrões nutricionais que são parte do que definimos de matriz cognitiva camponesa. No Relatório de Hábitos e

Padrões Alimentares, coordenado por Klaas Woortmann, na década de 1970, em várias regiões do Brasil (disponível em www.unb.br, na página do Departamento de Antropologia) observou-se que, devido a impactos socioeconômicos decorrentes do capitalismo, em áreas tais como a Amazônia, os grupos camponeses tradicionais não estavam mais conseguindo manter seus padrões alimentares ideais. Mais especificamente a tomada de suas terras comunais por grandes agroindústrias, associado a desmatamentos comprometeu de forma irreversível a sustentabilidade de seus saberes e padrões alimentares tradicionais. Em recente artigo publicado em coletânea pela USP, sobre nossas pesquisas no sertão do Nordeste, observa-se que os camponeses possuem claros padrões etnonutricionais, pelos quais eles classificam, por exemplo, os diferentes tipos de carnes em fortes e fracas. Assim, a carne de caça é a mais forte, seguida pela de porco, pela carne de rês, depois pela carne de frango da roça, pela de granja, seguido da classificação das variedades de peixe. Já de acordo com a matriz cognitiva dos colonos teuto-brasileiros, há comidas fortes e fracas por natureza, sendo que estas últimas podem ser preparadas de forma a se tornarem fortes. Uma comida fraca como o aipim, cozido na água e sal, pode ser consumida por pessoas fracas ou doentes; contudo, ele pode ser tornado forte, portanto adequada para quem despende muita energia no trabalho, quando servida com cobertura que contenha gordura de porco, com farinha de mandioca ou bacon fritos.

IHU On-Line - Qual é a lógica e o valor simbólico de manter os sabores e os saberes tradicionais relativos à alimentação entre as famílias camponesas?

Klaas e Ellen Woortmann – Tanto a lógica quanto as dimensões simbólicas de saberes e sabores tradicionais

remetem ao que Bourdieu¹⁰ definiu como *habitus*, quer dizer, um saber social que estabelece o equilíbrio entre continuidade e mudança. Assim, os saberes e os sabores são definidos por meio de esquemas gerais duráveis e de disposições internalizadas que orientam práticas sempre adaptadas a novas conjunturas históricas ou geográficas. É com base nesse *habitus* que os grupos sociais estabelecem, por exemplo, os alimentos definidos como comíveis, portanto socialmente aceitos, diferente daqueles definidos como comestíveis, numa perspectiva biológico-nutricional. É também com base nesse *habitus* que o grupo seletivamente aceita ou rejeita inovações, como novas variedades, descarta formas de beneficiamento antigas, incorporando novos equipamentos ou ainda outras variedades de alimentos. É o caso do tomate que foi introduzido na área colonial alemã logo após a II Guerra Mundial e inicialmente somente cozido. Quase uma década depois, ele passou a ser incorporado *in natura* como salada. Por outro lado, um alimento como a cevada, tradicional consumo de inverno e produto associado a famílias com grande disponibilidade de força de trabalho, com a redução demográfica do número de filhos e a emigração de parte do *workteam* para a cidade, praticamente desapareceu do consumo e das práticas produtivas.

IHU On-Line - Como a comida influencia na construção do gênero familiar?

¹⁰ Pierre Bourdieu (1930-2002): sociólogo francês. Catedrático de Sociologia no Colège de France, Pierre Bourdieu era considerado um dos intelectuais mais influentes da sua época. A educação, a cultura, a literatura e a arte foram os seus primeiros objetos de estudo. Nos últimos anos, Bourdieu vinha-se dedicando ao estudo dos meios de comunicação e da política. Autor de uma sofisticada teoria dos campos de produção simbólica, o sociólogo procurou mostrar que as relações de força entre os agentes sociais se apresentam sempre na forma transfigurada de relações de sentido. (Nota da *IHU On-Line*)

Klaas e Ellen Woortmann – Seria interessante diferenciar inicialmente alimento de comida. Alimento, por definição, remete ao que é produzido pelo pai-provedor, na roça, quer dizer, transforma a natureza ao produzir a matéria-prima a ser destinada à casa. Por sua vez, numa relação de complementaridade de gênero, cabe à mãe transformar o alimento em comida, quer dizer, a natureza em cultura. Cabe a ela também preparar, adequar a comida aos diferentes membros da família – a comida forte para os que trabalham pesado, e a fraca para as crianças, os idosos etc. E em situações extremas, de escassez, como nos períodos de seca no Nordeste, ou como é muito bem mostrado no filme *Balada de Narayama*, cabe a ela

distribuir seletivamente a comida aos diferentes membros da família, até que mais alimento é conseguido.

IHU On-Line – Qual a contribuição da obra de Câmara Cascudo para o debate sobre a alimentação?

Klaas e Ellen Woortmann – Câmara Cascudo, como folclorista etnógrafo, um erudito, foi muito importante pelos registros cuidadosos que realizou e pelas diferentes fontes nas quais pesquisou. Foi um dos precursores no reconhecimento do potencial da memória oral dos grupos por ele pesquisados e estimulou o trabalho de campo. Foi também um inovador em relação ao gênero por pesquisar a comida, o que na época era “assunto de mulher”!

Fome: ameaça a vida e interrompe sonhos

Entrevista com Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria do Carmo Soares de Freitas fala na entrevista a seguir, concedida por e-mail à revista **IHU On-Line**, sobre o problema da fome, tema do seu livro *Agonia da Fome*. Rio de Janeiro / Salvador: EDUFBA / Fiocruz, 2003. “Situada no umbral entre vida e morte, a fome é difícil de ser descrita e compreendida pelos que não a vivenciam. E por maior que seja meu esforço com a utilização de métodos de aproximação da realidade, não consigo, completamente, traduzir em palavras esta perversão social, definida por processos de exclusão, os quais se revelam em cada contexto de dominação política e econômica”, afirma a professora.

Maria do Carmo é professora na Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia. Graduada em Nutrição pela Universidade Federal da Bahia, é mestre em Saúde Pública pela Escuela de Salud Pública de México e doutora em Saúde Coletiva pela UFBA, com a tese intitulada *Significados da fome: um estudo etnográfico em um bairro popular de Salvador*.

IHU On-Line – Quais as peculiaridades no significado da fome e do alimento na vida dos famintos?

Maria do Carmo Freitas – A fome crônica e coletiva no Brasil é uma produção histórica que possui distintos

significados, tanto no contexto mais amplo da sociedade como no universo particular das pessoas atingidas. Sendo uma visível produção da desigualdade social, é distinta daquela dos campos de concentração, das guerras, e das catástrofes climáticas. Na nossa

sociedade (e em outras, semelhantes), a fome se concentra em pessoas condenadas à incerteza de sobreviver desde a mais tenra idade. Falar deste tema é discorrer sobre uma modalidade de genocídio, uma realidade em que a cena da morte está predita pela falta material e destinada ao cotidiano extremado de pobreza e violência. Situada no umbral entre vida e morte, a fome é difícil de ser descrita e compreendida pelos que não a vivenciam. E por maior que seja meu esforço com a utilização de métodos de aproximação da realidade, não consigo completamente traduzir em palavras esta perversão social, definida por processos de exclusão, os quais se revelam em cada contexto de dominação política e econômica.

IHU On-Line - Que aspecto em seu estudo de campo em Salvador mostra a forma mais desnuda da fome?

Maria do Carmo Freitas - A falta de acesso aos alimentos leva algumas pessoas a comerem biscoito de barro, sopa de papelão, vento...

IHU On-Line - Há divergências entre o discurso sobre a fome e a realidade pesquisada pela senhora?

Maria do Carmo Freitas - A fome que estudo diverge do conceito de fome da clínica. Não se trata de um corpo esquelético, magro pela desnutrição, os famintos também são obesos porque comem basicamente carboidratos (pirão de farinha) e gorduras (sebo de porco e boi) por serem mais baratos.

IHU On-Line - Como se dá a relação entre tráfico e fome?

Maria do Carmo Freitas - Fome e droga agem como uma endemia em todo o bairro. A influência das drogas contagia, sobretudo, os jovens. A fome gera violência. Fome e droga na dimensão pública estão irmanadas. Usa-se droga para não sentir fome, vende-se droga para não morrer de fome. O

desespero da fome faz com que as pessoas vasculhem os lixos ao redor do bairro em busca de comida em plena luz do dia, nem esperando mais a noite chegar.

IHU On-Line - Que conseqüências psicológicas e sociais essa realidade pode provocar?

Maria do Carmo Freitas - Não sei dizer. São traumas terríveis. Vergonha, humilhação de ver os filhos com fome...

IHU On-Line - Como você chegou à conclusão de que a fome é uma das piores agonias do ser humano?

Maria do Carmo Freitas - Com base nas falas desses famintos. São suas expressões reveladoras de angústias e medos da ameaça da fome. A fome para muitos é um demônio que anda colado às suas vidas.

IHU On-Line - Como se caracteriza nos famintos o medo da fome? E como eles definem a fome?

Maria do Carmo Freitas - Qualquer pessoa do bairro se sente faminta em seus contextos particulares, ou porque tem uma fome vivenciada de suas infâncias, ou porque, de fato, não tem o suficiente para comer. A concepção clínica de "um estar nutrido" significa para eles, estar faminto em suas realidades. A realidade é reconduzida por uma diversidade de sentidos, cuja experiência impõe significados subjetivos para ordenar esse mundo real. Nessa construção da cultura, a condição de fome centra o sujeito em sua própria realidade.

IHU On-Line - Quais as seqüelas físicas de quem já enfrentou a fome?

Maria do Carmo Freitas - Desânimo, cansaço de viver, anemia crônica, deficiência em vários órgãos...

IHU On-Line - Como a senhora avalia as políticas de acesso aos

alimentos do governo Lula? O que dizer do Programa Fome Zero?

Maria do Carmo Freitas – Considero-as reducionistas, assistencialistas e dificilmente se poderia modificar a situação de fome sem modificar o modelo neoliberal que toma conta da economia desde a era FHC. A população necessita de emprego, melhores salários, reforma agrária e, sobretudo, políticas sociais que valorizem a infância, a juventude etc. A ausência de projetos político-sociais principalmente para as camadas populares se constitui na sustentação de uma espécie de vazio de expectativas para as pessoas. Essa falta de projetos transformadores da realidade de fome fortalece a desesperança e o fatalismo, esses que alimentam a cultura de fome. A condição de fome, como uma das mais terríveis experiências da vida, vem confirmar a necessidade de ações

políticas mais amplas do que a doação de alimentos pelos serviços de saúde para uma população concebida como "vulnerável" aos efeitos da fome crônica. Uma complementação estaria em ações que manifestem a importância da reversão dos sentidos de fome, pela valorização social do sujeito, associado a mudanças estruturais na sociedade que produz fome. Com esse caminho a conquista da cidadania estaria mais próxima de cada pessoa e certamente poderia libertar-se da fome, esse espectro que ameaça a vida e interrompe qualquer sonho humano.

IHU On-Line – Qual a contribuição da obra de Câmara Cascudo para o debate sobre a alimentação?

Maria do Carmo Freitas – Considero interessante, mas sugiro outras, como *História política do abastecimento*, de Maria Yeda Linhares.

A terapia de cozinhar

Entrevista com Sonia Hirsh

“Cozinhar é meditar”, afirma a jornalista e escritora Sonia Hirsch. Entre 1976 e 1982, Hirsch estudou alimentação e medicina natural e oriental. Como jornalista, dedicou-se a escrever sobre seu novo campo de conhecimento: a alimentação como base da saúde. Em dezembro de 1983, publicou seu primeiro livro, *Prato Feito*, pelo selo Ibase-Codecri. Logo depois, saíram mais três pela Editora Rocco - *Sem Açúcar com Afeto*, *Mamãe Eu Quero* e *O menino que não queria comer* - e um autopublicado, *Deixa sair*, em dezembro de 1985. Desde então, passou a ter sua própria editora. Faz cartilhas em quadrinhos sobre alimentação e aleitamento materno. Em 1987, publicou *Inhame Inhame, o melhor da festa* e *Boca Feliz*. Em 1990, escreveu e publicou *Manual do Herói*, em que colocou ao alcance de leigos e estudiosos os conhecimentos básicos da medicina e da dietética chinesa; Com este livro ultrapassa o conceito de alimentação natural e entra nas questões mais profundas da alimentação. Em 1992, completou um banco de dados sobre valores nutricionais e começou a escrever *O mínimo para você se sentir o máximo*, lançado em maio de 1993. No princípio de 1995, lançou *Só para mulheres*, um extenso trabalho de pesquisa sobre a saúde da mulher. Em 1997, apresentou *A dieta do Dr. Barcellos contra o câncer (e todas as alergias)*. Em 2002, lançou *Meditando na Cozinha*, coleção de 25 crônicas ilustradas por Celina Gusmão, publicadas originalmente na revista *Bons Fluidos*. Em 2005, escreveu e lançou

ATCHIIIM!, sobre as formas caseiras de entender, tratar e evitar gripes, resfriados, alergias & derivados. Dirige e apresenta um programa semanal sobre saúde na rádio Mec do Rio de Janeiro. A entrevista que segue foi concedida por e-mail para a revista *IHU On-Line*.

***IHU On-Line* - Cozinhar pode ter efeito terapêutico?**

Sonia Hirsh - Claro. A tendência do cozinheiro é construir harmonia entre cores, formas, sabores, texturas, aromas. Essa é a função oculta de muitos trabalhos manuais como tecelagem, marcenaria, bordado, montagem de miniaturas de navios. Nós transformamos coisas em alimentos, usando para isso os recursos e rituais apropriados, ainda que seja somente lavar e colocar no prato. Isso pode ser profundamente harmonizador se a pessoa estiver bem envolvida com o processo. Além disso, o cozinheiro lida com elementos e conceitos básicos da vida: água, fogo, quantidade, tempo, instrumentos. Fazer isso de modo adequado, produzindo uma comida saborosa e nutritiva, dá muito contentamento. É o que tantas pessoas traduzem como "fazer com amor". Amor é o reconhecimento do que é bom em cada coisa e cada pessoa. Cozinhar pode ser muito bom.

***IHU On-Line* - Como é possível compreender por que comemos o que comemos e por que o fazemos dessa ou daquela maneira?**

Sonia Hirsh - Do mesmo modo como compreendemos por que amamos o que amamos e por que o fazemos dessa ou daquela maneira. Ou seja, não é sempre que se consegue. O ato de comer pode ser sensato num momento, e no outro completamente anárquico, movido por desejos cuja satisfação traz mais desejos. Além disso, tanto a frugalidade quanto a opulência no comer têm significante cultural, psicológico, social, ambiental, religioso. É muita coisa ao mesmo tempo. Uma batata frita é muito mais do que uma batata frita.

***IHU On-Line* - Os conceitos da cultura oriental podem ajudar para uma atitude mais reflexiva diante da preparação dos alimentos?**

Sonia Hirsh - Alguns dos povos orientais cozinham tradicionalmente de modo semelhante às práticas culinárias religiosas do budismo, do taoísmo e do hinduísmo, que fazem muitas oferendas comestíveis. Os japoneses consideram que o espírito do ser humano também deve ser alimentado pela beleza do prato. A paciência e a delicadeza são cultivadas, assim como a generosidade, e naturalmente integradas à forma de cozinhar. Tudo isso aparece como poesia aos olhos ocidentais, talvez convide à reflexão.

***IHU On-Line* - Você vê o ato de cozinhar como um exercício de generosidade, de autoconhecimento e de contato com a natureza. Poderia explicar essa afirmação?**

Sonia Hirsh - De generosidade, porque se cozinha para alguém, mesmo que seja só para si mesmo. É generoso o ato de dar e também é generoso o ato de receber. De autoconhecimento, porque, para cozinhar, é preciso olhar para fora e para dentro - ver como está o dia, como está a pessoa, e o que é mais adequado preparar e de que forma. Tem dia de salada de folhas frescas e tem dia de sopa quente de raízes, independente de estar fazendo frio ou calor. Pode estar calor lá fora, e a pessoa estar sentindo frio, que passa com uma sopinha. De contato com a natureza, porque os ingredientes da comida costumam ser naturais na origem, a água é natural, o fogo é natural. Os vegetais podem ser uma aula de natureza. Por exemplo, pega-se um maço de cebolinhas verdes e deixa-

se na bancada da pia. Algumas horas depois, ele já está todo apontando para cima. Isso é uma demonstração prática do que os chineses chamam de energia Madeira, ascendente, fresca, primaveril.

IHU On-Line - Quais as alternativas hoje para se ter uma alimentação saudável com tantos agrotóxicos, produtos químicos e alterações genéticas nos alimentos?

Sonia Hirsh - Bom, me parece melhor seguir um estilo mais natural. Meu parâmetro é este: quão perto da natureza está isso? Prefiro o inteiro ao moído, o fogo ao microondas, o cozido ou refogado ao frito ou assado. Comprando verduras orgânicas e comuns, dependendo da oferta, mas alguns produtos só orgânicos: vagem, morango, brócolis, frango, ovos. Nosso mercado está apto a atender a todos os segmentos, e quanto mais o consumidor exigir, mais qualidade terá - a um preço mais alto, evidentemente, como em qualquer setor.

IHU On-Line - Quais os malefícios do açúcar para a saúde humana? O que poderia substituí-lo?

Sonia Hirsh - O problema é o excesso de açúcar refinado, mascavo ou mel, que tem potencial de causar um sem-fim de transtornos - obesidade, hipoglicemia, diabetes, candidíase, parasitose crônica, perturbações alérgicas, degeneração dentária, perda

de vitaminas e minerais importantes como B12 e cálcio. Podemos escrever páginas e páginas sobre isso. Novamente sugiro o parâmetro natural: procurar obter satisfação no açúcar natural das frutas, frescas ou secas, e ocasionalmente em um ou outro doce ou chocolate irresistível. O açúcar e os biscoitinhos e confeitos que veiculam são instrumentos muito eficientes de manipulação comercial. O que é extremamente imoral, já que leva a problemas de saúde individuais e coletivos, e ilegal, visto que os órgãos oficiais de atenção à saúde deveriam se posicionar melhor a respeito.

IHU On-Line - Quais as consequências para a cultura da alimentação da introdução do freezer e do microondas?

Sonia Hirsh - Eles fazem parte do estilo *fast-food, junk food* (classificação que se dá a alimentos com baixo valor nutricional, típicos do fast food e de produtos industrializados, como salgadinhos e biscoitos recheados, que saciam a fome, mas não alimentam), que nunca vai deixar de existir. Atendem a pessoas que gostariam de se alimentar com pílulas para não ter que lavar pratos, mastigar, sentar, essas coisas. Também dizem que eliminaria o problema de ir ao banheiro, já que até isso virou um problema...

Novos hábitos alimentares Ruínas do microondas

Por Felipe Fernandez-Armesto

Reproduzimos o artigo a seguir, de Felipe Fernandez-Armesto, historiador e professor da Universidade de Londres, e autor de, entre outros livros, *Milênio* (Ed. Record) e *Food - A History* (Ed. Macmillan, Inglaterra). Este texto foi publicado no jornal *The Guardian* e no Caderno Mais! do jornal *Folha de São Paulo*, em 20 de outubro de 2002. Os subtítulos são do Cepat, de Curitiba.

A gordura pode ser fatal. A obesidade é o grande bicho-papão atual da saúde. As doenças cardíacas e a diabetes tipo 2 [que acomete adultos] surgem em razão da gordura. O perigo causa perplexidade porque é paradoxal. Afinal, vivemos na cultura mais conscientizada e obcecada por dietas da história do mundo. Pensamos em magreza, mas engordamos. Trata-se de mais do que uma peculiaridade cultural - é algo que se opõe à tendência geral da evolução humana. Não é de hoje que nossa espécie se sai muito melhor do que qualquer outro animal terrestre quando o assunto é absorver gordura. Por que isso deu errado agora?

As explicações mais frequentemente oferecidas pelos especialistas são todas carregadas de viés ideológico. Alguns atribuem a culpa ao capitalismo, que nos teria alimentado à força com açúcar e amido, ou, então, à industrialização e urbanização, que teriam afastado milhões de pessoas da comida saudável. Para outros, fazer regime engorda à medida que perturba o bom funcionamento do metabolismo e encoraja a alimentação baseada em tendências. Alguns culpam a pobreza, outros, a abundância. Algumas dessas explicações estão equivocadas, e as outras são insuficientes. A gordura é, de fato, um sintoma de perturbações mais profundas em nossos hábitos alimentares. É o sinal externo e visível de um desastre social profundo: o declínio da refeição. Se quisermos derrotar essa ameaça, teremos que encará-la.

A dessocialização da comida

As refeições feitas em horários certos fazem parte dos rituais mais antigos da humanidade. Os efeitos sociabilizantes do comer em grupo ajudam a nos humanizar. Os pequenos vínculos que unem as famílias são forjados à mesa. A estabilidade de nossos lares provavelmente depende mais de mantermos horários certos para fazermos as refeições em conjunto do

que da fidelidade sexual ou do respeito filial. Hoje essa estabilidade corre perigo. A comida está sendo dessocializada. O fim das refeições regulares implica dias desestruturados e apetites indisciplinados.

A solidão da pessoa que consome *fast food* é incivilizadora. Nas famílias regidas pelo microondas, a vida familiar se fragmenta. O fim do preparo das refeições em casa é algo que foi previsto com tristeza e, ao mesmo tempo, ardentemente desejado. O movimento contrário à cozinha caseira começou há cem anos, sem muita força, entre os socialistas que queriam libertar as mulheres da cozinha e substituir a família pela comunidade mais ampla.

Lares sem cozinha

Em 1887, Edward Bellamy [escritor norte-americano (1850-1898), autor do romance utópico *Daqui a Cem Anos - Revendo o Futuro*, publicado no Brasil pela ed. Record] imaginou um paraíso composto de lares sem cozinhas. Os trabalhadores encomendariam seus jantares de cardápios impressos em jornais e os comeriam em palácios populares. Vinte anos mais tarde, Charlotte Perkins [escritora feminista norte-americana (1860-1935)] queria transformar a culinária numa atividade "científica": na prática, eliminá-la da vida da maioria das pessoas, como profissionais trabalhando em fábricas produtoras de refeições, manteria os níveis energéticos do mundo trabalhador. Teria sido insuportavelmente enfadonho - afinal, a comida institucional nunca conseguiu superar a comida caseira. Mas, pelo menos, foi concebido com nobreza de espírito, tendo em vista efeitos socializadores.

Agora o capitalismo conseguiu fazer o que o socialismo não foi capaz. Estamos enfrentando uma versão de pesadelo da visão de Perkins: uma distopia na qual a culinária rendeu-se à chamada "conveniência", em que o desmembramento das famílias começa

pela geladeira. Os pontos de alimentação imaginados por Bellamy se concretizaram, mas são pontos de venda de *fast food* fornecida por empresas privadas, e a comida que servem é uma alimentação padronizada e uniforme.

Fim dos hábitos de cozinha e alimentares

Os cozinheiros científicos previstos por Perkins são encontrados nas fábricas de alimentos processados, enchendo embalagens descartáveis com gororoba descaracterizada. As pessoas ainda comem em casa, mas os horários das refeições foram fragmentados: diferentes membros das famílias escolhem pratos diferentes para consumir em horários diferentes. As pessoas já não aprendem a cozinhar em casa. Elas precisam de uma Delia [Smith, *chef* inglesa, que tem programa de TV e vários *best-sellers* sobre culinária] para lhes mostrar como preparar um ovo quente ou recebem instruções de Nigella [Lawson, personalidade da culinária britânica], no programa *How to Eat* [Como Comer]. Os horários das refeições foram modificados para adaptar-se aos novos horários de trabalho.

No Reino Unido e nos EUA, as refeições em horários regulares estão desaparecendo da vida das pessoas durante os dias úteis da semana. O almoço desapareceu, dando espaço ao hábito de "pastar" ou comer aos poucos durante períodos prolongados. As pessoas comem ao mesmo tempo que fazem outras coisas, desviando seus olhares das outras pessoas. Elas fazem lanches na rua, espalhando lixo pelo caminho, poluição olfativa e migalhas que servirão de alimento para ratos. Os funcionários de escritórios saem em busca de sanduíches impessoais, pegam pratos prontos de prateleiras refrigeradas e os consomem às pressas, sozinhos. Antes de sair de casa pela manhã, elas não tomam o café da

manhã na companhia de seus entes queridos.

O café da manhã em família é algo que as rotinas sobrecarregadas acabaram por excluir do cotidiano das pessoas. À noite, pode não haver refeição para ser dividida com os familiares - ou, se houver, pode faltar com quem compartilhá-la. Os filhos de pais que trabalham até tarde voltam para casa sozinhos e, esfomeados, devoram macarrão instantâneo ou feijão comido diretamente da lata.

Microondas: fator de erosão social

O forno de microondas é um fator de erosão social. Com a ajuda dessa máquina, as pessoas podem facilmente aquecer qualquer prato pronto que estiver à mão. Não é necessário fazer nenhuma consulta ao gosto das outras pessoas da casa. Nenhuma mãe nem pai podem decidir em nome da família inteira. Ninguém na família precisa dobrar-se às decisões de ninguém. Essa nova maneira de se alimentar inverte a revolução culinária que transformou a alimentação num ato sociável e ameaça nos fazer retroceder para uma fase de evolução pré-social. Parte do resultado da sociedade que se alimenta de lanches é o prejuízo à saúde, à medida que as desordens alimentares se multiplicam. As pessoas distanciadas da camaradagem e da disciplina da mesa comum passam fome ou comem demais, até alcançarem níveis extremos de magreza ou obesidade.

A pandemia da obesidade coincidiu com o declínio da refeição "formal". Um novo tipo de desnutrição surgiu em cena, baseado no excesso de lipídios letais e dietas mortíferas. Ao mesmo tempo em que difundem a gordura, os novos hábitos alimentares multiplicam os micróbios. Quando os alimentos são produzidos em massa, um erro é capaz de intoxicar muitas pessoas. A cada vez que alimentos pré-prontos são descongelados ou que pratos resfriados são aquecidos, é aberto um nicho ecológico para a infestação microbiana.

Alimentos crus: solução ou outro problema?

O movimento em favor dos alimentos crus não constitui alternativa saudável. Os defensores dos alimentos crus parecem preferir os ruminantes aos humanos. Isso é psicologicamente insalubre, por mais saudáveis que possam ser os brotos de feijão: é o primitivismo romântico aliado à ansiedade ecológica. Os urbanóides modernos saem para o restaurante de alimentos crus, buscando serem readmitidos no Éden. Quando a elite afro-americana abandona os pratos ricos em lipídios que fazem parte da tradição culinária do Sul dos Estados Unidos - couve refogada em banha de porco, pé de porco com feijão-fradinho - em favor dos legumes crus da nova *soul food*, a perda de centímetros abdominais se faz acompanhar por um sacrifício cultural. O movimento em favor dos alimentos crus não é uma solução, mas parte do perigo, à medida que divide as famílias segundo gostos e dietas.

Redescobrir a mesa

Assim, parece que as refeições em família, feitas em horários regulares, são uma tradição que acabou para sempre. Entretanto o futuro geralmente revela ser surpreendentemente semelhante ao passado. Estamos vivendo um desvio temporário, não uma mudança de rumo. A cozinha caseira vai voltar à tona porque é inseparável da humanidade, e o futuro sem ela seria impossível. A alimentação comunitária é essencial à vida social, e vamos acabar

por valorizá-la ainda mais em razão da ameaça atual.

É praticamente certo que haverá uma reação em favor da volta dos hábitos alimentares tradicionais, à medida que a moda for se convertendo em saudade e que forem se acumulando as provas dos efeitos nocivos do comer às pressas. Os publicitários já começam a criar uma nova aura sentimental em torno das refeições feitas em família. Alguns alimentos "de conveniência" podem ser adaptados para ser compatíveis com os valores familiares: o tempo de preparo menor pode possibilitar a adoção de horários fixos para as refeições.

A volta à mesa de jantar parece ser inevitável porque, como disse Carlyle [Thomas Carlyle, escritor escocês (1795-1881)] certa vez, "a alma é uma espécie de estômago, e a comunhão espiritual é um comer juntos". Parece que somos incapazes de ser sociáveis sem a presença de alimentos. Para as pessoas que apreciam a presença umas das outras, cada refeição é uma festa amorosa. Comemos para entrar em comunhão com nossos deuses. A mesa de jantar discretamente iluminada é nosso ponto de encontro romântico favorito. Alianças diplomáticas são forjadas em banquetes de Estado. Negócios são fechados em almoço. Os encontros familiares ainda se dão na hora das refeições. O lar é um lugar que tem cheiro de comida sendo preparada. Se quisermos que nossos relacionamentos dêem certo, teremos que voltar a comer juntos. E, nesse caminho, vamos derrotar a obesidade. Se pararmos de comer constantemente ao longo do dia, vamos parar de comer demais.

Referendo: o que significa a vitória do “não”?

Entrevista com Gláucio Ary Dillon Soares

O mestre em Direito e doutor em Sociologia Gláucio Ary Dillon Soares ficou extremamente decepcionado com a vitória do “não” no referendo que propunha a proibição da venda de armas e munições, realizado no dia 23 de outubro. Professor de Ciência Política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), cursou o mestrado na Tulane University of Louisiana, dos Estados Unidos, e o doutorado na Washington University St Louis Mo, dos Estados Unidos, com a tese intitulada *Desenvolvimento Econômico e Radicalismo Político*. O especialista foi um dos intelectuais que contribuíram para a campanha do “sim”. “Todo o mundo que trabalhou no “sim” doou o tempo e não foi pago. E a gente não consegue competir com profissional. O Chico Santa Rita, articulador do “não”, é um mestre. Ele conseguiu emplacar o Fernando Collor de Mello... Isso daí é o equivalente a fazer Barrabás parecer Jesus Cristo”, polemiza o pesquisador. Entre seus diversos livros publicados, citamos *A democracia interrompida*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

IHU On-Line - Por que o senhor está decepcionado com o resultado do referendo?

Gláucio Ary Dillon Soares - Porque o meu principal valor é a vida. Tenho uma cruzada contra as mortes violentas de todo tipo. Arma em casa aumenta e não diminuiu o número de mortos. A idéia de que uma arma em casa é um instrumento inteligente de defesa é burra e não é verídica. Uma arma em casa mata muito mais pessoas, na média, da própria casa. Mata mais visitas legais àquela casa, por exemplo, amigos e parentes que visitam os moradores e, por algum motivo, acontece um conflito. Essas armas matam mais do que bandidos que assaltam a casa. Isso é comprovado em muitos países por meio de pesquisas.

IHU On-Line - O que significa para o Brasil a vitória do “não”?

Gláucio Ary Dillon Soares - É uma questão de opinião enquanto não tivermos dados. Primeiro, temos de analisar quem votou no “não” e quem votou no “sim”. Se formos analisar os votos válidos só considerando “sim” e “não”, tivemos 40% ou mais de “sim” de São Paulo até o Maranhão. Já o Pará, todos os seus estados fronteiriços, mais Tocantins e Goiás, além dos estados do Sul, tiveram menos de 40% de “sim”. Poderíamos ter uma explicação para o Sul, para a fronteira, mas não encontraríamos muita coisa que unisse o Sudeste ao Nordeste. Há confirmação por meio das pesquisas pré-referendo daquilo que nós já sabíamos: homens favorecem o “não” mais do que mulheres. Os jovens mais do que os maduros, que, por sua vez, mais do que os idosos. Entre os idosos, o “sim” é mais forte e entre os jovens o “não” é avassalador. Sabemos disso. Por meio de pesquisas de vitimização e de outros

tipos de pesquisas realizados dentro e fora do Brasil, temos algumas atitudes favoráveis em relação às armas que não são muito boas. Entre elas, as pessoas mais agressivas são mais favoráveis às armas e acreditam que são úteis e que as protegem.

Pessoas que costumam se embriagar com álcool são mais favoráveis às armas

No caso de uma pesquisa de vitimização com 5 mil entrevistas feitas em 2003, em São Paulo, as pessoas que já gritaram contra outras na rua, ou que já se envolveram em brigas, ou que já ameaçaram outras são muito mais favoráveis às armas do que as que nunca o fizeram. Pior, as pessoas que estavam acostumadas a tomar cinco ou mais doses de bebida alcoólica num prazo de duas horas, nos 30 dias que antecederam à pesquisa, eram muitíssimo mais favoráveis às armas do que as que bebem moderadamente ou as que não bebem. Os que tomaram cinco ou mais doses num prazo de duas horas nos últimos 30 dias, 10 vezes ou mais, eram avassaladoramente a favor do “não”. Não se pode dizer que quem é a favor do “não” seja “bêbado”, mas pode-se dizer quem é “bêbado” defende o “não”. São conclusões diferentes. Muitas pessoas que dizem que atiraram contra um “bandido”, quando vemos em detalhe, a pessoa na qual elas atiraram não era um delinqüente, mas alguém que elas “achavam” que poderia ser um “bandido”. Tomemos cuidado, porque, se depender da percepção, e não da comprovação, existem muito mais bandidos no mundo do que realmente há.

IHU On-Line - Por que o “sim” perdeu?

Gláucio Ary Dillon Soares - Os dados mostram que estávamos perdendo entre um e dois milhões de votos ao dia, depois que começou a propaganda. A estratégia do sim foi péssima, horrível. O problema é o seguinte: a organização

do “sim” é composta por pessoas pesquisadoras, intelectuais e boa gente, que doa o seu tempo. Todo mundo que trabalhou no “sim” doou o tempo e não foi pago. E a gente não consegue competir com profissional. O Chico Santa Rita¹¹, articulador do “não”, é um mestre. Ele conseguiu emplacar o Fernando Collor de Mello... Isso daí é o equivalente a fazer Barrabás parecer Jesus Cristo. O Chico fez isso. Ele também conseguiu emplacar o presidencialismo, usando a mesma tônica do “não”.

IHU On-Line - A sociedade brasileira está preparada para uma democracia mais direta que usa instrumentos como esse tipo de referendo?

Gláucio Ary Dillon Soares - A sociedade está preparada. A democracia não supõe que esperemos até que estejamos preparados. Os alemães elegeram Adolf Hitler e estavam entre os povos mais educados da época. Educação não garante nada. Vemos um filósofo político favorável ao “sim” dizendo que a população não sabe votar. A gente decide quando ela sabe votar? Ou a democracia é princípio, e isso está no início ou não é. Saber ou não votar é irrelevante. Ou é democracia ou não é. Saber votar, para muita gente, significa votar de acordo com o que essas pessoas acham que seja correto votar. Para essas pessoas é votar naquilo que elas gostariam que tivesse vencido. Costuma-se dizer que quem vota contra nós vota errado. Eu jamais diria que quem votou “não” votou errado. Votou no que achava correto.

¹¹ O publicitário **Chico Santa Rita** foi contratado para a campanha contra a proibição da venda de armas no País. Santa Rita ficou famoso pela campanha que levou Fernando Collor ao Planalto, em 1989, e pela que manteve o presidencialismo, em 1993. Recentemente, foi contratado pela Frente Parlamentar pela Legítima Defesa, também conhecida como a “bancada da bala”. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - A campanha do “não” apelou para o direito de defesa....

Gláucio Ary Dillon Soares - É preciso fazer três considerações importantes sobre direito de defesa. A primeira: o direito à vida é mais importante do que o de defesa. Segundo: o direito à vida do seu vizinho ou de qualquer outra pessoa, de não ser morto com a arma que você comprou e que em muitos casos acaba na mão de bandido (um terço das armas nas mãos de bandidos ou foram compradas, recebidas ou tiradas de pessoas que as compraram legalmente). É o meu direito de não ser morto por uma arma privada e pelo sujeito que é proprietário dela porque discutiu comigo no trânsito. Esse direito supera o direito de ter uma arma. Terceiro: o suposto de que a arma protege, é errado. Já vimos isso. Ela acarreta mais mortes na residência do que ela teoricamente protege. As pessoas que têm armas em casa têm mais mortes violentas do que quem não as tem. Isso vale para o Brasil e todos os países que fizeram pesquisas, que são ao todo 15 ou 20. Não chegamos a fazer essa pesquisa: temos número de acidentes, de suicídios, de homicídios. Ao todo são 35 mil mortes por ano.

Armas e violência doméstica

Temos medo dos latrocínios. É a figura que apavora todo mundo. Mas a probabilidade de uma mulher ser morta em um latrocínio é uma fração pequena se comparada a de ser morta por seu companheiro, marido, “ficante” ou namorado no fim da relação ou logo depois de acabada. O principal algoz da mulher, vítima de homicídio, é seu companheiro ou ex-companheiro. O suicídio e o homicídio que se chama de passional - não gosto dessa expressão - tem janela (um período de validade). Sabemos que os suicídios estão muito vinculados a doenças mentais, particularmente à bipolaridade e à depressão grave. E que uma parte grande não é planejada. A presença de uma arma, dentro dessa janela (o

período em que você está numa depressão aguda, seriíssima, ou, no caso da bipolaridade, numa transição entre a euforia para a disforia) aumenta muito a probabilidade de que a pessoa se mate. No caso do homicídio, temos o período do ódio. Tem a janela do ódio, que é o período que você olha o mundo através dessa raiva. Esses períodos significam o aumento da probabilidade de uma ação violenta se tornar letal. Os países europeus ocidentais têm taxas de homicídios mais baixas que nos Estados Unidos, mas não têm taxas de crimes mais baixas. O crime e o homicídio são coisas diferentes.

Ninguém nasce criminoso

O controle de armas quer impedir os crimes violentos. Crime se impede de outro jeito. Os ingleses decidem suas diferenças no “murro”. Muitos americanos as decidem no “tiro”. O controle de armas só reduz os crimes violentos. E é importante saber que ninguém nasce criminoso. O homem de bem de um momento para o outro vira um criminoso quando mata alguém. Há “homens de bem” que surram suas mulheres, que são alcoólatras. Você colocaria uma arma na mão dessas pessoas? Organizei, durante a campanha, uma seleção de fotografias forenses de violências contra a mulher. Fazem parte de arquivos de processos criminais contra homens que massacravam suas companheiras ou até desconhecidas.

IHU On-Line - Como o senhor participou da campanha do “sim”?

Gláucio Ary Dillon Soares - Participei do “sim” como intelectual. É o que tenho. Meu pai, que é falecido há muito tempo, tinha armas em casa. Ele achava que a arma estava escondida porque ficava na gaveta do alto. Acontece que a gaveta se tornava baixa porque era só subir na cadeira, colocada sobre a cama. Eu me via mexendo na arma de meu pai, em frente ao espelho, imitando Tom Mix. Pegar a arma e tirá-

la sem equilíbrio era complicado. É por isso, e é assim, que os acidentes acontecem. Você terá milhões de relatos desse tipo. Quantas crianças morrem em exposições narcisistas deste tipo em frente ao espelho? Meu pai nunca soube disso.

IHU On-Line - O que não ficou claro na campanha do "sim"?

Gláucio Ary Dillon Soares - O que não ficou claro na campanha do sim é que ter uma arma em casa aumenta a probabilidade de que alguém morra violentamente nesta casa. E aumenta muito, seja por acidente, suicídio ou homicídio. O número de bandidos mortos por homens e mulheres de bem é inferior às pessoas de bem que são mortas por armas guardadas em casa. Os latrocínios não chegam ao número de 5% dos homicídios. Que mortes são essas, então? Essa é a pergunta. Uma das grandes dificuldades que temos é transmitir idéias complexas de maneiras simples. Não existe homicídio: essa é uma categoria do código penal. Psicológica e sociologicamente existem homicídios: processos que levam a isso. No caso do homicídio seguido de suicídio, quando o homem é autor de um desses crimes, sua vítima é quase sempre sua esposa, ex-esposa, namorada, ex-namorada, no final da relação. Quando a mulher é a autora, quase sempre a vítima é o filho. A maior autora de infanticídios é a mãe. Você vai ver que a etiologia psicossocial desse crime tem pouco a ver com a etiologia de um traficante que mata outro por causa da disputa do ponto. Exceto que convergem para o mesmo final. Também são diferentes as medidas para impedir que aconteçam, exceto o que têm em comum, que é a arma.

São três as situações mais comuns de crime no Brasil

São três as situações de crimes mais comuns no Brasil de hoje. Dependendo do lugar, uma será mais comum que a

outra. A primeira é homem jovem e pobre, mata homem jovem e pobre num fim de semana à noite, sob influência de álcool ou outra droga, com arma de fogo por motivo fútil, vingança ou cobrança de dívida. A segunda é traficantes matam traficantes por briga de ponto de distribuição e venda. A terceira é marido namorado ou "ficante" mata mulher namorada ou "ficante" durante briga ou fim de relação. Quando se trata de relação estável, coabitação ou não, o marido assassino dá aviso em boa parte dos casos. A pessoa consegue ler isso. Esse aviso são surras, ameaças, alcoolismo, drogas. Não tem como não ler, as amigas dizem, a família, quando existe, fala também, mas essa mulher tem medo de ficar sozinha, de, se deixar o cara, acabar morta (porque é esse o tipo ameaça que ele faz). E, infelizmente, existe também algo chamado co-dependência, que é um tipo de mulher que não se realiza com "homens normais". Precisa de pessoas complicadas porque assim se sente mais importante do que é. Sua missão de vida é recuperar o cara que é alcoólatra. A história dessas mulheres é sair de um sujeito que nunca vai conseguir melhorar para outro, do mesmo estilo. Tendemos a selecionar pessoas do mesmo estilo. Existem todas essas dimensões.

As medidas de prevenção da violência são diferentes, conforme a situação

As medidas de prevenção na situação em que homem mata mulher são tomadas com base em registros hospitalares. Ela chega machucada e tem alguém que percebe isso. A delegacia das mulheres favorece que esse tipo de violência seja reprimida por uma polícia não machista, que diga "vamos te pegar se você bater nela de novo". É muito diferente da prevenção de homem mata homem no álcool. Aí você fecha bares, impede menores de circular na rua, que é o que Diadema,

em São Paulo, fez com grande êxito. Uma política de redução de mortes violenta não é nunca uma só. É um conjunto de medidas que reduzem mortes violentas. Algumas delas são muito específicas culturalmente, por exemplo, no Tolerância Zero de Nova York, tinha uma ação extensa junto a imigrantes recentes porque descobriram, por meio de pesquisa em arquivos policiais, que essas pessoas eram recrutadas freqüentemente pelo crime. O Tolerância Zero recebe imigrantes e consegue residência, emprego e os coloca em contato com outros imigrantes do mesmo país. Isso não se aplica para quem nasceu no lugar, evidentemente. O controle de álcool funciona em Diadema e em Teresina, no Piauí. Pouca gente se dá conta de que o estatuto do desarmamento deu uma grande arma para a polícia no combate ao crime. O criminoso que for pego com uma arma hoje está cometendo um crime inafiançável. Ele não volta para a rua.

A violência é incrivelmente cara
IHU On-Line - Há quem argumente que o dinheiro gasto com o referendo poderia ser usado em outros investimentos para contar a violência...

Gláucio Ary Dillon Soares - As pessoas que estão argumentando isso não entendem que se nós, com o referendo, reduzíssemos o número de mortes em 10% ao ano, seriam salvas 3,5 mil vidas humanas. Isso vale R\$ 350 milhões? Posso dizer que várias corrupções governamentais roubaram muito mais do que isso. Falo disso em governos diferentes para não dizer que sou a favor de um ou de outro político. Quando se trata de vida humana, o argumento financeiro é relativo. A pergunta é saber se R\$ 350 milhões aplicados de outra forma salvariam mais ou menos vidas do que aplicados desta forma. Isso sabendo que, caso tivesse sido aprovado, esse ganho em vidas, que nós esperávamos, aconteceria

todos os anos. Evidentemente, há um cálculo de custo benefício. É horrível que se diga isso, mas é verdadeiro. Se falássemos em mil vidas por R\$ 350 milhões, todo mundo salvaria. Se falássemos de uma vida, ninguém salvaria. A violência é incrivelmente cara para o país. E mesmo as pessoas que nunca foram assaltadas ou vítimas dela podem crer que estão sendo afetadas por ela por estarem pagando impostos para evitá-la.

IHU On-Line - Estamos caminhando para uma democracia mais direta? Isso tem relação com a descrença nos nossos representantes?

Gláucio Ary Dillon Soares - Não sei se estamos nos encaminhando para a democracia direta. O que tivemos foi um referendo. Já tivemos um plebiscito há muito tempo, outro referendo em 1963. Não é algo freqüente. A descrença é, sem dúvida, muito grande. Há pesquisas que medem descrença em instituições como polícia militar, civil, judiciário, Supremo Tribunal Federal, assembleias legislativas estaduais, prefeitos, vereadores, presidência da república. Estamos diante de uma situação de descrédito institucional e um dos quadros que devemos analisar o voto talvez seja este. Digo talvez porque não fiz pesquisa. Sou pesquisador e não chuto, apesar de ser delicioso fazer isso. Aliás, não havia um pesquisador empírico, que usa dados em criminologia, que fosse a favor do "não" em todo país.

IHU On-Line - O que está por trás dessa vitória do "não"?

Gláucio Ary Dillon Soares - Isso é mais do que evidente: é o interesse das grandes empresas, dos milhares de vendedores que teriam de ajustar sua profissão. Se conseguíssemos reduzir a violência, os Coveiros ficaram desempregados também. Não estamos falando de empregos? As pessoas não vão morrer tanto. Se olharmos para a lista de deputados e senadores da frente

que defendeu o “não”, basta buscar no Tribunal Superior Eleitoral a lista de contribuintes. Ali se verá as empresas de armamentos que financiaram boa parte da campanha desses políticos. Em um país civilizado, coisa que não somos ainda, isso é conflito de interesses. Não posso julgar, votar, agir como deputado ou senador, ou prefeito, quando meu interesse pessoal está em jogo. Tem de dizer: “não posso, outro que faça”. E o

pós-eleição não está sendo fácil, pois há grupos de extrema direita que, por exemplo, passaram a noite inteira gritando insultos ao pessoal do Viva Rio e de outras organizações. Fiquei impressionado também, e isso é um problema bem claro entre os gaúchos, de como pessoas com nível universitário fecharam suas mentes à demonstração empírica e científica e não queriam saber. Jogavam slogans.

destaques da semana

entrevista da semana	pg. 31
livro da semana	pg. 34
filme da semana	pg. 36
memória	pg. 38
deu nos jornais	pg. 42
frases da semana	pg. 46

“A derrota dos EUA é uma derrota política”

Entrevista com o filósofo Antonio Negri

Traduzimos e reproduzimos a entrevista que segue, realizada por Verônica Gago ao filósofo italiano Antonio Negri, e publicada no jornal *Página/12*, em novembro de 2005. Nela, Negri analisa, como uma “derrota”, a invasão dos Estados Unidos no Iraque e pressagia uma perspectiva auspiciosa para a América Latina, criticando a esquerda “tradicionalista” da Europa. Negri é autor dos livros *Império* (São Paulo: Record, 2001) e *Multidão* (São Paulo: Record, 2005), junto com Michel Hardt.

O filósofo e militante italiano Toni Negri está na Argentina pela segunda vez. Vem do Chile e vai também ao Brasil. Depois de ter lançado a polêmica em âmbito mundial, com seu livro *Império* sobre o fim do imperialismo clássico, está agora convencido de que o tempo é anômalo para a América Latina, porque deixou de ser o “pátio traseiro” dos Estados Unidos. Da crise Argentina de 2001 à atual crise brasileira, passando pelo falido golpe na Venezuela e as revoltas andinas, ele lê uma mudança profunda e continental, capaz de dar lugar a um multilateralismo que dispute a pretensão norte-americana de soberania imperial. Em seu diálogo com *Página/12*, insiste em que a América Latina está mais avançada do que a Europa para pensar a relação entre os movimentos sociais e os governos na experimentação de um radicalismo democrático.

Que atualidade têm as teses do *Império*, após a intervenção militar dos EUA no Iraque?

Logo após a saída do *Império*¹², a polêmica se centrou no papel dos EUA na guerra, sustentando que a política norte-americana se apresentava como imperialista, o que tendia a mostrar a tese do *Império* sobre a redistribuição do poder global como falsa. Vendo esta posição, a primeira coisa que é preciso dizer é que a guerra no Iraque não demonstrou o renascimento da função imperialista, e sim a derrota definitiva do unilateralismo imperialista norte-americano. E isso não só pela dificuldade que os norte-americanos

encontraram na própria guerra, mas porque se apontou que é absolutamente impossível conduzir o processo de ação de polícia internacional fora de um quadro mundial de acordos que abrange outros autores e países. A derrota norte-americana não é apenas territorial, é, sobretudo, política, devido à sua incapacidade para organizar o país. A guerra do Iraque não implica uma derrota como foi a do Vietnã, devido à resistência dos vietcongues no contexto da guerra fria. A derrota atual é por falta de capacidade para construir uma unanimidade em torno de uma operação de guerra. Numa outra ordem de coisas, o velho direito internacional, que era um clássico direito do Estado-nação, ficou completamente deslocado e, ademais, é preciso considerar a

¹² O filósofo refere-se ao livro *Império*, editado pela Record, em 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

absoluta incapacidade norte-americana de financiar esta guerra: a crise do pressuposto norte-americano é verdadeiramente grave.

Em outras oportunidades você falou de um "golpe de Estado" no Império. Poderia explicar esta imagem? Como explicaria atualmente a formação de uma estrutura de poder no Império?

Na situação atual, o projeto norte-americano se revela numa crise profunda. Bush é um pequeno Luís Bonaparte, que tenta um golpe de Estado no Império, para impor um comando unilateral sobre a globalização. Isso, não só não é possível, com também é extremamente perigoso sob todos os pontos de vista. Além disso, entrou em crise também a capacidade norte-americana de gestão ideológica para desenvolver políticas econômicas: o neoliberalismo, que parecia totalmente vigente faz uns poucos anos, é agora rechaçado por um amplo ciclo de lutas, o que abre uma situação extremamente complicada e variável. A guerra confirmou que o problema maior é que o Império não sabe até onde pode se dirigir. O que teremos, então, é uma nova batalha para ver quem comanda no Império, qual é o regime soberano que vai dominar. A hipótese que me parece mais plausível hoje é a emergência de um grande conglomerado aristocrático, formado pelas grandes potências continentais, como a China ou a Índia, e parte da Europa, que se apresentam na primeira linha da mundialização.

E como avalia a persistência de uma prédica antiimperialista, em boa parte da esquerda?

Estou seguro de que as ideologias antiimperialistas das esquerdas tradicionais, que são profundamente conservadoras, estão equivocadas. Elas funcionam como uma espécie de espelho deformador das posições, no estilo Fukuyama e seu fim da história,

que ele pensa em termos de grandes nações, mais do que nestas novas sínteses soberanas. Ou de Huntington, somente um sim é um verdadeiro inimigo, porque organiza um discurso para as elites norte-americanas. É preciso prestar muita atenção ao modo pelo qual os movimentos sociais condicionam permanentemente as sínteses políticas, os novos modos soberanos. Trata-se sempre de variáveis complexas.

Como crê que a América Latina participa desta nova redefinição da soberania imperial?

Parto de uma idéia básica: esta parece ser a primeira vez que a América Latina não atua como pátio dos fundos dos Estados Unidos. É muito significativo derrubar a Alca. Esta modificação é realmente importante, mesmo que levemos em conta a estabilização deste processo pela presença mundial do neoliberalismo. Esta novidade, ademais, se translada ao terreno político, precisamente no momento em que o grande vizinho do Norte está em dificuldades e não tem capacidade de intervir imediatamente. Desse modo, a situação do Brasil, marcada pela vitória de Lula, produziu a consolidação de uma força de esquerda e um equilíbrio intercontinental positivo do ponto de vista dos movimentos. Do Uruguai à Venezuela, passando pelas intensas lutas da zona andina, o mínimo que se pode dizer é que estamos ante uma situação de profunda mobilidade. No plano internacional, estes processos se projetam, apresentando a América Latina como um grande potencial continental, para participar, no terreno transnacional, da gestão do mercado mundial. Isso evidentemente implica uma verdadeira inovação. É nesse sentido que podemos interpretar a importância do desenvolvimento das relações Sul-Sul. É com base nisso, creio, que devemos valorizar o papel desta esquerda sul-americana no governo, por seu impacto sobre o

terreno global. O que significa, então, que um governo da América Latina se proponha a sair do FMI? O fim da dependência é uma possibilidade, uma potencialidade. E é nesta possibilidade que devemos pensar. E o problema maior que se apresenta agora é o das relações entre movimentos e governos, na medida em que estes últimos estão ante a possibilidade de aprofundar este potencial criativo de novas formas soberanas.

Qual poderia ser a relação entre governos de esquerda e movimentos sociais?

Antes dizíamos que os governos conviviam com um duplo poder. Hoje, em troca, se trata de um verdadeiro momento de transformação da própria soberania e da relação entre estes termos. E isso se projeta de modo direto em âmbito internacional, o que adquire grande importância, quando se recorda que, na base do Império, está a guerra. E é na América Latina, onde se vê como estas coisas se passam, ou não. O que ocorre hoje no Brasil? Seguramente, o movimento vai pagar um preço muito alto pela estabilização atual do governo de Lula, num momento em que os movimentos organizados sentem uma enorme desilusão. A situação da Argentina parece manter-se num certo equilíbrio, logo após a crise. E existe a situação venezuelana, que, provavelmente, apresenta o problema de modo caricaturesco, porque a proposta vem do alto e se desencadeou com uma grande energia. O certo é que se trata da situação mais radical destes países, porque pode ser a porta de entrada da guerra como variável por parte dos EUA

A que se refere, quando fala de um “novo pacto”?

O “novo pacto” é a redefinição de uma aliança estratégica. Mas o ponto-chave é o conteúdo multitudinário deste “novo pacto”. Por exemplo, a defesa da pequena propriedade no Brasil, de um

modo que seja compatível com o desenvolvimento da agricultura, que é, de fato, um ponto programático do MST. Contextualizado para a América Latina, isso implica a discussão de como pensar um pacto que não insista na reprodução de uma perspectiva keynesiana, que já não é possível: hoje não se pode discutir um pacto, supondo uma dinâmica produtiva dada pela grande indústria. O “novo pacto” deve referir-se à relação entre as organizações sociais e a organização produtiva, em termos de uma cooperação social. O grande erro da esquerda tradicional oportunista é que, se não se fala das formas institucionais e políticas, nas quais a grande reforma deverá acontecer, não se fala de nada. Somente nestas formas é que aparece a verdadeira dimensão de um radicalismo democrático de base. A questão é: o que significa hoje ter força e como ela se consolida. Evidentemente, não é com um exército. Este problema está bem presente na Argentina, que é como um corpo aberto, ótimo para análise.

Você apoiou o “sim” à Constituição europeia no referendun francês. Como explica esta posição, que foi contrária à maioria da esquerda europeia?

Estamos presenciando, na Europa, a reconstrução da esquerda, como, por exemplo, a *Linkspartei* alemã. A esquerda corporativa europeia teve sua primeira vitória no “não” ao referendun à Constituição na França. Para mim, tratava-se de impulsionar um debate político sobre a relação que existia entre três coisas: a apresentação da Europa como alternativa necessária aos Estados Unidos, a constituição de um espaço europeu aberto a novas dinâmicas e, por último, a consideração da Constituição, não como a que daria definições positivas, mas como uma negatividade aberta a contradições bem interessantes. Isso não foi possível, porque os movimentos sociais foram absorvidos por esta esquerda

tradicionalista, salvo uma parte do movimento que trabalha a questão da migração. Quando apoiei o sim, muitos amigos se incomodaram (risos). Mas, a unidade em torno do não, sobretudo na França, é uma unidade de loucos: socialistas de direita, estalinistas, intelectuais trotskistas e outros que se juntaram com a direita e a ultradireita, em nome de um ressentimento pelo fim do Estado social e uma suposta defesa de direitos em detrimento dos migrantes.

Como vê o movimento de resistência global?

Em profunda crise. O que começou em Seattle, seguiu em Gênova e continuou no movimento contra a guerra, decaiu brutalmente. Disto se nutriu a reconstrução da esquerda tradicional. O interessante, porém, é que, no interior desta curva descendente, iniciou outra que começa a ser ascendente, protagonizada por lutas sociais de novo tipo, que se dão fundamentalmente sobre o trabalho precário e a migração.

Livro da semana

Paula PINTO E SILVA. *Farinha, Feijão e Carne-Seca*. São Paulo: Senac, 2005.

Na era da globalização, a gastronomia brasileira, elemento tipicamente regional e de identidade cultural, ganha força, escreve Helena Jacob, comentando o livro *Farinha, Feijão e Carne-Seca*, de Paula Pinto e Silva, em artigo publicado no jornal *Gazeta Mercantil*, 4-11-05.

Conhecer os ingredientes básicos da nossa cozinha, como a mandioca – “a rainha do Brasil”, segundo palavras de folclorista Luís da Câmara Cascudo -, ajuda a entender como é a nossa cultura e suas intrincadas miscigenações.

Segundo Helena Jacob, uma das mais recentes iniciativas com o intuito de conhecer a vasta gastronomia brasileira é o lançamento, pela Editora Senac, do livro *Farinha, Feijão e Carne-Seca*, da antropóloga da Universidade de São Paulo – USP -, Paula Pinto e Silva. Essa obra vem na esteira de uma recente revalorização da gastronomia, que deixou as cozinhas das casas e restaurantes e ganhou a mídia e a intelectualidade. Existe, inclusive, uma nova frente de pesquisa da Antropologia que enfoca o assunto: *a Antropologia da Alimentação*.

Esse tipo de abordagem segue o princípio de que pesquisar o que um povo come é tão importante para compreendê-lo quanto analisar sua produção artística ou sua economia, por exemplo.

Os pilares da mesa brasileira

Reproduzimos o artigo publicado na última sexta-feira, 4 de novembro, no jornal *Gazeta Mercantil*, no caderno *Fim de Semana*. O texto comenta a obra *Farinha, Feijão e Carne-Seca*, da antropóloga Paula Pinto e Silva.

Para os apaixonados por gastronomia, cada livro lançado - e têm sido muitos - é uma festa. Dá gosto comprar o livro, saboreá-lo e fazer pontes entre ele e outras obras lidas anteriormente. Não é

diferente com *Farinha, Feijão e Carne-Seca*, da antropóloga da Universidade de São Paulo (USP) Paula Pinto e Silva. O livro é um convite para a releitura de *História da Alimentação do Brasil*, de

Câmara Cascudo, e *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, clássicos para quem quer conhecer a base da cozinha brasileira. Mas Paula consegue o mérito de resumir um universo tão vasto a três pilares fundamentais da nossa cozinha, tratando-os como categorias alimentares que constituíram o modo de comer do Brasil e ajudaram a moldar sua sociedade.

Assim, a carne-seca não é apenas o jabá nordestino, carne de boi seca ao sol, vento ou sal. São todos os tipos de carnes que eram secas na época colonial, inclusive peixes, para que durassem mais, já que não havia outros métodos de conservação. Essas carnes, socadas com farinha, de mandioca ou milho, constituíram a base da alimentação dos desbravadores do território, que consumiam essa massa seca e altamente nutritiva durante as suas caminhadas rumo ao interior.

O feijão, como outras leguminosas, também fez parte desse movimento, tanto como um elemento de fixação das mulheres às novas terras, que ali plantavam o grão, quanto para os homens que os levavam seco para preparar nas suas viagens. Esses três elementos, segundo o trabalho de Paula constituem um tripé no nosso passado culinário, que se sustenta até os dias de hoje.

Originado a partir da dissertação de mestrado da autora, *Farinha, Feijão e Carne-Seca* nos leva a um delicioso passeio pela narrativa de viajantes como os franceses Auguste de Saint-Hilaire e Jean-Baptiste Debret. Ou pelos testamentos de senhores de engenho que, naquele período, listavam até as panelas e os mantimentos da despensa de suas propriedades nesses documentos.

Todo esse acervo riquíssimo de relatos foi consultado por Paula durante a sua pesquisa no Museu da Casa Brasileira. A

instituição possuiu um setor de documentos referentes a elementos da Casa Brasileira, como arquitetura, alimentação, mobiliário, que está aberto à consulta pública, mas é pouco conhecido.

Paula se preocupa em dizer que seu intuito com a obra não foi fazer um trabalho inédito, mas propor uma nova abordagem sobre a comida do Brasil. "Minha intenção foi entender, antropológicamente, a formação da sociedade brasileira por meio de sua comida e fazer um grande inventário dessa alimentação", diz a autora. Isso foi possível, ainda segundo ela, "porque farinha, feijão e carne-seca são elementos recorrentes em toda a gastronomia nacional".

O intuito da pesquisadora e escritora foi bem-sucedido. O livro mostra como se comia na época colonial e que todos os ingredientes estavam ligados a um determinado fato social. Por exemplo, carne de galinha era um quitute em tempos de colônia e uma ave só ia para a panela quando se recebiam visitas ou era dia de festa. A alimentação cotidiana era o feijão cozido com poucos pedaços de carne-seca, em um caldo engrossado com muita farinha de mandioca.

O mesmo se dava com os doces. Os portugueses, apaixonados por açúcar, logo se encantaram com as frutas nativas, mas o intuito de transformá-las em doces não era apenas o da gula. Como conta Paula no seu livro: "A fruta cozida com açúcar, transformada em doce de calda ou doce cristalizado pela secagem ao sol, era assim conservada, permitindo que as regiões de monocultura, marcadas pelo clima incerto de secas e pela conseqüente fome, utilizassem o doce na sua sobrevivência alimentar".

Farinha, Feijão e Carne-Seca é um tipo de obra que desperta a gula, assim como os doces. Ao final de sua leitura

estamos ávidos por mais e mais informação. A esperança é que continuem produzindo trabalhos como esse, que colocam a alimentação

brasileira no seu devido lugar como um dos principais temas de estudo e de esforço necessário para se entender a complexa nação que é o Brasil.

Filme da semana

Os filmes comentados nesta editoria já foram assistidos por algum colega do IHU.

O Jardineiro Fiel

Ficha Técnica:

Nome: O Jardineiro Fiel

Nome original: The Constant Gardener

Origem: EUA – Inglaterra

Ano produção: 2005

Gênero: Suspense

Duração: 129 min

Classificação: 14 anos

Direção: Fernando Meirelles

Elenco: Ralph Fiennes, Rachel Weisz

Sinopse: Numa área remota do Quênia, a ativista britânica Tessa Quayle (Rachel Weisz) é encontrada brutalmente assassinada. O médico que estava com ela está foragido, e o crime é dado como passional. O viúvo e funcionário do governo britânico Justin Quayle (Ralph Fiennes) decide tomar a frente das investigações. Duvidando dos rumores da infidelidade da mulher, Quayle embarca numa odisséia pessoal em busca dos verdadeiros culpados. Usando seus privilégios diplomáticos, ele tem acesso a informações e cenários que podem encobrir uma gigantesca conspiração, que poderá acabar até com sua vida.

O Jardineiro Fiel

Por Alysson Oliveira

Reproduzimos o artigo a seguir, escrito por Alysson Oliveira, sobre o filme destacado na edição desta semana. O texto foi publicado no site www.cineweb.com.br no dia 10 de outubro de 2005.

“Nenhum laboratório [fabricante de medicamento] faz nada de graça”, diz uma indignada Tessa Quayle (Rachel Weisz) ao seu amigo, o médico Arnold Bluhm (Hubert Koundé), ao ver diversos quenianos cuspiendo em potes plásticos para fazer exames de tuberculose. Ele diz que as empresas fazem isso pelo bem da humanidade, mas ela bem sabe que esse tipo de

indústria não faz nada à toa. Essa constatação é o centro do suspense *O Jardineiro Fiel* –que mais parece nitroglicerina pura – dirigido pelo brasileiro Fernando Meirelles (Cidade de Deus).

Com roteiro de Jeffrey Caine (007 contra Goldeneye), baseado no romance homônimo de John Le Carré, *O Jardineiro Fiel* traz Ralph Fiennes no

papel principal, como um funcionário do governo britânico transferido para o Quênia com sua mulher Tessa. Ela, que sempre teve uma consciência política muito aguçada, acaba se envolvendo com trabalhos sociais que a levam a uma investigação sobre a presença de indústrias farmacêuticas no Quênia.

Suas investigações terminaram num relatório que assinou sua sentença de morte. Num dos primeiros momentos do filme, Tessa é encontrada morta supostamente assassinada por Bluhm, que fugiu. No entanto, Quayle não acredita nessa versão, e depois de encontrar alguns papéis entre as coisas de sua mulher começa a sua própria investigação, que irá esbarrar em algo tão grande e perigoso como a morte de Tessa.

Para transformar o suspense do mestre Le Carré, Meirelles e Caine optaram por um caminho diferente do romancista, mas chegando ao mesmo destino. Com suas palavras, o escritor mostra as empresas farmacêuticas que usam pessoas como cobaias e o descaso de governos ocidentais e africanos que apóiam ou fazem vista grossa. Tudo isso explorado com uma riqueza de detalhes e subtextos típicos de seus romances. Já o filme impregna uma urgência contemporânea e de caráter sociopolítico que foge do suspense tradicional. Além da carga de tensão intrínseca da história, há o elemento político e real – o que torna a experiência de *O Jardineiro Fiel* ainda mais alarmante.

Diferente de outros que caem no vazio, como *A Intérprete*, este filme tem algo importante a dizer sobre política global. Mas nas mãos de um diretor menos talentoso (Mike Newell quase fez esse filme, mas optou por *Harry Potter e o cálice de fogo*) seria mais um *thriller* banal. Meirelles, com sua sutileza e inteligência, nunca cai no panfletário, apenas levanta questões que acabam incomodando e fazendo pensar qualquer pessoa que tenha o mínimo de bom senso. Ele caminha rumo a se

tornar o cineasta fiel – aquele em quem sempre poderemos confiar, com projetos ousados e importantes, tanto no âmbito cinematográfico quanto no social.

Ajuda muito a direção o fato de todo o elenco estar em sintonia e, em alguns casos, no melhor trabalho de suas carreiras. Ao longo dos últimos anos, Fiennes se mostra um dos melhores atores saídos da Inglaterra. Seu Justin Quayle é um personagem que implode a partir de uma notícia bombástica (a morte de sua mulher, em circunstâncias suspeitas). O intérprete opta pela discrição. Muitas vezes, é quase como se ele não estivesse em cena. O viúvo não sai em busca de uma vingança, mas atrás daquilo que acredita ser a verdade – embora não a conheça. Já Rachel, por sua vez, parece ter saído das páginas do livro direto para tela. A conexão entre atriz e personagem se torna tão evidente que em momentos em que ela socializa na rua com crianças africanas é difícil dizer onde acaba o papel e onde começa Rachel Weisz.

Meirelles conta com a mesma fotografia arrebatadora do uruguaio César Charlone (colaborador de *Cidade de Deus*) para dar a urgência da história. Aparentemente, não há nada que esse fotógrafo não seja capaz de fazer com uma câmera, um rolo de filme, algumas lentes e alguns filtros. Imagens que seriam meros cartões postais de paisagens africanas, traduzem solidão e redenção. Ao mesmo tempo, um registro que beira o documental mostra as mazelas de uma cidade que parece ter sido esquecida por Deus. Notável que as imagens de Charlone se mostram muito mais à vontade em meio à luz tropical e à miséria das favelas africanas do que numa Inglaterra gélida e burocrática.

O fim da Guerra Fria representou uma escassez de temas para Le Carré, que baseava seus suspenses na especulação da espionagem entre o mundo capitalista e o socialista. O escritor teve que ir mais a fundo em busca de novos

assuntos para os seus livros. *O Jardineiro Fiel* foi um dos mais elogiados e mais assustadores ao abordar um tema mais complexo.

Todas as nuances do livro encontraram sua tradução mais perfeita para o cinema pelas mãos de Meirelles.

Memória

Gilles Deleuze. 10 anos depois da sua morte

Na presente edição, fazemos a memória do filósofo Gilles Deleuze, no ano em que lembramos os 10 anos de sua morte. Para tanto, traduzimos e reproduzimos o artigo que segue, escrito por Antonio Gnoli, jornalista da página cultural do jornal italiano *La Repubblica* e ensaísta. Gnoli tem livros publicados sobre, entre outros, Alexandre Kojève e Rilke. O texto foi originalmente publicado no jornal *La Repubblica*, em 4 de novembro de 2005.

Também repercutimos o significado da obra de Deleuze publicando um depoimento do doutor em educação e professor do PPG em Educação da UFRGS e do Mestrado em Educação da Ulbra, Alfredo José da Veiga Neto. O especialista é o organizador, ao lado dos pesquisadores Luiz Lacerda Orlandi e Margareth Rago, do livro *Imagens de Foucault e Deleuze*, da editora DP&A (2005, em sua segunda edição), com artigos que fazem a discussão das obras dos dois pensadores, analisando pontos de convergência e de divergência entre eles. O depoimento foi publicado no sítio do Instituto Humanitas Unisinos, www.unisinos.br/ihu, na última sexta-feira, dia 4 de novembro de 2005.

Não sabemos por que alguém tira a sua vida. Por doença, por fastio, porque muito deprimido ou muito enfurecido, porque não tem mais nada para dizer, porque tem coisas demais a dizer, por incompreensão por mal-entendido, porque está demasiado à margem ou demasiado no centro de uma situação. Ou, talvez por tudo aquilo que inadequadamente se elencou. Quando, há dez anos, Gilles Deleuze se atirou do quarto andar do edifício parisiense no qual habitava, isso pareceu ser o último gesto piedoso autolesionista que o filósofo, há tempo, muito doente, infligia a si mesmo.

Nenhuma carta, nenhum bilhete, nenhum telefonema, nenhuma

mensagem que justificasse ou desculpasse aquela escolha extrema. Somente silêncio. E, de costas, aquele corpo que tínhamos aprendido a olhar com curiosidade: o cabelo permanentemente caído sobre a testa, o andar claudicante, as desmesuradas unhas das mãos, e a voz, cujo timbre era de intensa e rouca ironia.

Dou-me conta de falar de fatos físicos, influenciado, provavelmente, por algumas filmagens, nas quais Deleuze é protagonista. A começar pelos seminários que Raí Ter propõe nestas semanas. Trata-se de alguns cursos que Enrico Ghezzi recuperou e que estão sendo transmitidos “fora de horário” em DVD; além disso, sairá, por Derive

Approdi, uma longa conversação eu Deleuze teve com Claire Parnet. Útil, entre outros aspectos, porque, por meio de uma espécie de abecedário, o filósofo conta um pouco sua vida e sua filosofia. Ora, se há algo que estes testemunhos, estes seminários, estas imagens revelam, não é tanto um segredo, mas uma coisa que, no fundo, está nas pregas de sua filosofia: o pós-68. Deleuze foi o filósofo que mais do que qualquer outro – mais do que Sartre, mais do que Althusser, mais do que Foucault – se interrogou sobre os efeitos do pós-68. Descreveu-lhe o potencial intelectual, declinou-lhe a forma que, submissamente, definirei como não-política.

Aquelas imagens de estudantes que se reuniam em torno dos seus seminários, em Vincennes ou em Paris, aquelas camisas, aquelas barbas, aquela seriedade para quem todo o mundo estava ao alcance da mão e, com isso, ao alcance da interpretação, são a involuntária exegese de um decênio que conjugou entusiasmo e veleidade, obscuridade e genialidade, ruptura e esperança. Nem tudo é passado na filosofia de Deleuze, seria arbitrário pensá-lo. Mas ele, como num sonho, foi o barco do qual se podia entrever a terra do mar. Uma terra, às vezes, nebulosa, não propriamente hospitaleira talvez dura e misteriosa. Habitada certamente por mil vozes que carregavam o peso de diversas sonoridades. E ele, quero dizer, Deleuze, as encarnou, interpretou, tornou eventos com que aquela época, aquele decênio, aquele mundo se confrontou.

Mas, o que significa que um senhor, que passou pelas incursões de Nietzsche e Bergson, Leibniz e Kant, Spinoza e Hume, faça filosofia? É ainda possível que um pensador, que não desdenhou a literatura (Fitzgerald, Medville, Proust, Kafka, para citar alguns nomes) e a psicanálise (Freud,

Melaine Klein, um certo Lacan) podia ainda pôr-se a pergunta das perguntas: o que significa pensar? O que significa lógica do sentido? Alguém recordará que *Lógica do sentido* foi um dos grandes livros de Deleuze (Feltrinelli o repropôs há pouco tempo), no qual a filosofia deixava de ser um lugar privilegiado de discussão histórica, para tornar-se uma máquina conceitual de combate. Entendamo-nos. Nenhuma proclamação, nenhuma tomada de posição, nenhuma guerra declarada, ou por declarar, atravessava aquelas páginas aparentemente divagadoras. Somente a consciência que “dar sentido” a algo – velha questão filosófica – não significava um sujeito que se dirige ao objeto (seja qual for) e lhe confere sentido, nem que um objeto produzia ele mesmo aquele sentido que o sujeito recebe, mas antes, que o sentido era já, por assim dizer, pressuposto. A filosofia devia aprender a desentocá-lo e, depois que o tivesse descoberto, construir conceitos.

Mas, o que quer dizer desentocar um sentido que já não seja determinado, nem pelo sujeito, nem pelo objeto? Para Deleuze, era tentar dar vida a um contra-senso, a algo que na língua funcionasse como motor de paradoxalidade. O máximo interesse que ele teve por Lewis Carroll e Antonin Artaud, tinha por trás esta convicção, graças à qual poder desmontar a linguagem incrustada da filosofia. Caso contrário, como colocar a leitura que ele dá de Heidegger através da parafísica de Jarry? Diante do autor de *Ser e Tempo*, Deleuze se movia com passos laterais. Assemelhava-se aos movimentos de um bailarino de samba que brinca e graceja, porque só assim consegue aceitar a potência do outro. Não sei quanto tenham sido importantes os anos de sodalício com Felix Guattari. Livros em comum (entre outros): O Antiédipo, Mil Planos, O que é a filosofia? Livros que ingressaram com mãos e pés na indústria cultural da

esquerda que amava ser “anti”. Entretanto, tenho a impressão que o único a tirar proveito desta relação de amizade e colaboração foi Guattari. Quanto a Deleuze, que ao amigo havia mesmo atribuído generosamente algumas guinadas teóricas (o trabalho sobre o inconsciente e a esquizofrenia do capitalismo), aquele sodalício lhe pareceu um modo de sair da ação subjetiva para entrar naquela mais vaga, mais apaixonante, da prática coletiva. Também isso foi uma forma de repisar um conceito diverso de ética fundado na desapropriação, como se não houvesse idéias senão aquelas que se põem em comum com o outro.

Numa hipotética história da filosofia que não dirime os conceitos em relação à sua condição de pensáveis, mas à sua capacidade de estarem no mundo, Deleuze figuraria na linha de Spinoza, Nietzsche, Foucault. Ou então, naquela trajetória que refere a imanência à transcendência (Descartes, Kant, Heidegger). Com que conseqüências? A mais óbvia é retrazer o de lá para o de cá, transferir definitivamente a filosofia para a secularização, ou seja, libertá-la das últimas escórias teológicas. O mais complicado é que esta passagem tem um preço e um risco. O risco é que nada pode realmente garantir a eficácia de um pensamento que está no mundo somente porque pertence ao mundo. Em suma, já não há mais guias seguros. Apenas se dá um passo além do que já foi pensado, apenas há um aventurar-se fora do reconhecível e do tranqüilizante, apenas se criam novos conceitos, em que os métodos e as morais se despedaçam. Pensar torna-se um exercício perigoso, uma violência que se exercita, sobretudo sobre si mesmo. É este o direito de resistência, no qual Deleuze jamais deixou de crer: não somos mais autores, mas atores dentro dos eventos. Resistir toma o lugar de existir.

Deveríamos perguntar-nos, a esta altura, onde fica o filósofo. Não creio que Deleuze tivesse uma indulgência particular com o trabalho filosófico, comprometido por demasiadas astúcias lingüísticas para não advertir a necessidade de um repensamento radical. A começar pelo modo segundo o qual a gente se interroga, a gente se faz perguntas, possivelmente evitando aquelas mais fundamentais, do tipo: quem somos? Por que existimos? e Para onde vamos?. Uma nova arte de perguntas e de problemas, imaginou Deleuze. Uma arte da vagabundagem que o lançasse nos meandros paradoxais da filosofia, fora dos territórios da metafísica, das essências eternas, das idéias inconcussas (platônicas, kantianas, heideggerianas) e o mantivesse aderente às potências da vida. Irracional? Depende do que significa estar fora de uma certa idéia de “sentido”. Depende do peso que se quer dar à “razão que tudo pode”. Havia, em Deleuze, um modo de tomar emprestado (do cinema, da literatura, da filosofia) aquilo que lhe ocorria para criar um conceito ou levantar um problema. O que implicava uma certa dose de causalidade e de particular inteligência. Ele gozou de ambas. Creio que principalmente a primeira o tenha impedido de ter uma escola. De resto, quem hoje, possuidor de qualquer discernimento, poderia definir-se deleuziano? Ele próprio, imagino, teria disso algum horror. Naquela esplêndida conversação do abecedário, havida com Claire Parnet, a recusa de ter discípulos se tornou clara porque, aos seus olhos, a escola era o oposto do movimento. O ideal teria sido não fazer circular noções garantidas, subscritas e repetidas pelos discípulos. “A relação que se pode ter com os estudantes”, assim precisava Deleuze a sua relação, “é ensinar-lhes que devem ser felizes pela sua solidão, reconciliá-los com a sua solidão. Não quereria lançar noções que façam escola, quereria lançar noções e conteúdos que passem na corrente, que

se tornem idéias correntes, ou então, imagináveis de diversas maneiras. E só o posso fazer se me dirijo a solitários, que assumirão as noções a seu modo, servindo-se delas para aquilo que lhes

ocorre. São movimentos, não noções de escola”. Foi este um ingrediente do seu sucesso? É lícito pensá-lo. Também porque é um exemplo do modo pelo qual os homens estão no mundo.

Dez anos sem Gilles Deleuze

Um depoimento de Alfredo José da Veiga Neto

“Gilles Deleuze é certamente um dos filósofos contemporâneos mais importantes. Francês, foi colega de figuras significativas de sua época, como Michel Foucault, Louis Althusser e Jean-Paul Sartre. Eles fizeram parte daquele grupo de intelectuais franceses que pensaram o século XX. Deleuze é importante porque ele também nos ajuda a pensar o século XXI”.

Ele desenvolveu um campo novo na Filosofia, a Filosofia da Diferença, que, como o nome diz, pensa as diferenças, o que hoje é mais do que importante em termos sociais, econômicos e culturais. Leva adiante um conceito que Michel Foucault tinha iniciado a trabalhar, que é o de sociedade de controle. Na perspectiva de Foucault, as sociedades modernas eram caracterizadas por serem disciplinares, ou seja, regidas pela disciplina, o que inclui disciplinamento político, econômico, cultural, dos saberes. No fim de sua vida, Foucault escreve alguns textos afirmando que estamos passando de uma sociedade comandada pelas disciplinas para uma sociedade comandada pelos controles. Os exemplos disso estariam nas câmeras escondidas em elevadores, nas ruas, nos sistemas de segurança, nos múltiplos bancos de dados.

Deleuze leva adiante essa idéia inicial de Foucault e escreve textos importantes, mostrando que, de fato, talvez não sejamos mais uma sociedade baseada na disciplina, mas sejamos uma sociedade baseada no controle. Ou seja, estamos mudando de ênfase: das lógicas

disciplinares para as lógicas do controle.

Em termos práticos, a importância de Deleuze é muito grande. Ele abre um campo novo para o pensamento e para a prática do pensar. A Filosofia da Diferença nos ajuda a entender também o tempo atual, por que motivos hoje defendemos a diferença. O século XX foi o que batalhou pela homogeneidade, todos éramos pensados como iguais. No século XXI, a diferença passa a ser assumida como um valor em si.

Deleuze ajuda a fazer essa distinção. Diz que todos somos diferentes, mas que todos devemos ter direitos e deveres iguais. Nesta diferença, não devemos estabelecer uma hierarquia, um maior valor ou menor para o outro que é diferente de nós. Com isso, é possível termos uma sociedade de diferentes, mas que garanta direitos e oportunidades iguais a todos.

Saímos daquele discurso de sermos todos iguais, característico do século XX, para um discurso mais refinado e sintonizado com o que temos hoje aí. Deleuze ajuda muito a pensar a liberdade e os direitos humanos. Ele também nos ajuda a questionar e a resistir à sociedade de controle.

Deleuze foi um colaborador de Foucault e, depois, tornaram-se adversários políticos e filosóficos. No último ano da vida de Foucault, que morreu há duas décadas, ambos se reconciliaram. São filósofos cujas

trajetórias caminham juntas, às vezes, divergem e, muitas vezes, se aproximam. De certa maneira, eles nos mostram a possibilidade e as vantagens

do convívio produtivo entre os diferentes, ou talvez seja melhor dizer: do convívio na diferença”.

Deu nos jornais

Deu nos jornais é uma síntese semanal das notícias veiculadas diariamente no sítio www.unisinos.br/ihu, compiladas pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

“Tenho respeito pelo presidente Lula. Ele é um homem interessante”, afirma George W. Bush

O presidente George W. Bush afirmou ontem ao Estado que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva “ocupa uma posição única” no hemisfério e deixou claro que considera vital o empenho do líder brasileiro na consolidação da democracia num hemisfério em que cresce a influência de líderes populistas como o venezuelano Hugo Chávez. “É importante que (o Presidente Lula) esteja numa posição de influência com muitos países do hemisfério para promover os valores comuns aos quais ambos aderimos”, disse Bush disse que tem uma boa relação pessoal com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e essa boa relação “surpreendeu muita gente”. As declarações constam da entrevista concedida pelo presidente dos EUA ao jornal *O Estado de S. Paulo*, 2-11-05. O presidente americano admitiu que os dois podem ter “diferentes sentidos políticos sobre as coisas”, mas que, no fundo, compartilham os mesmos objetivos. Bush disse sentir que “uma parte da imprensa da América do Sul” teria tentado envenenar as relações entre os dois. “As pessoas tinham essa visão de que eu era de um jeito e Lula de outro, e não haveria maneira de encontrarmos terreno comum”, contou. E mostrou-se convicto da base dessas relações. “Compartilhamos a mesma preocupação profunda para ajudar a aliviar a fome a pobreza”, assinalou. “Eu tenho respeito pelo presidente Lula. Ele é um homem interessante”, afirmou Bush. Segundo Bush, EUA e Brasil têm muito em jogo no Haiti. “É importante para nós trabalharmos de perto, juntos. E faremos isso”. Ele distribuiu elogios ao Brasil - “é um grande país e os Estados Unidos reconhecem isso” - e a Lula - “ele é um homem interessante”. Bush não parece impressionado com a proximidade política de Lula com arquiinimigos dos EUA, como Fidel Castro, Hugo Chávez e o boliviano Evo Morales. “Certamente não é meu papel dar ao presidente Lula uma lista de amigos e dizer: o senhor não pode falar com esse ou aquele”, afirmou. Segundo Bush, Lula decide “que assunto discutir com quem ele escolher”. E deu a chave do sucesso nesse quesito: “Eu realmente nunca discuto com ele quem são seus amigos”.

Lula vai à Cúpula das Américas constrangido com elogio de Bush

O governo brasileiro reagiu com cautela e certo constrangimento aos elogios que o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, dirigiu ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A notícia é do jornal *O Estado de S. Paulo*, 3-11-05. Conforme noticiamos nesta página no dia de ontem, em entrevista concedida nos EUA, antes da viagem para a América Latina, George W. Bush teceu rasgados elogios a Lula. Segundo o jornal *O Estado de S. Paulo* de hoje, as declarações de Bush provocaram euforia em determinados setores do governo, entre eles o Itamaraty. O Palácio do Planalto, no entanto, preferiu não demonstrar muita animação para não contrariar segmentos de esquerda que são aliados históricos do PT e vêem o presidente dos EUA como a encarnação do imperialismo. A principal preocupação do governo brasileiro são as críticas que seus aliados internos farão a Bush, durante sua passagem por Brasília. No domingo, a capital será palco de um protesto contra o presidente dos EUA e o ato terá a participação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), do Movimento dos Sem-Terra (MST) e da União Nacional dos Estudantes (UNE), aliados do governo.

Sem consenso, cúpula fracassa e anuncia morte antecipada da Alca

A 4.ª Cúpula das Américas encerrou ontem com o anúncio da morte da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). A notícia é do jornal O Estado de S. Paulo, 6-11-05. A polarização nas discussões sobre a retomada desse processo, estagnado há 20 meses, manteve-se nos tensos debates travados pelos presidentes dos 34 países ao longo de mais de três horas. Diante da impossibilidade de construir um parágrafo de consenso sobre a Alca que pudesse refletir as posições em confronto, a reunião de Mar del Plata terminou com uma debandada antecipada de chefes de Estado, entre os quais o primeiro foi o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Coube aos principais negociadores dos 34 países o desafio de concluir uma declaração morna e acanhada no seu principal tópico, a Alca, e de disfarçar o fracasso da cúpula.

Lucro do Itaú cresce 39%. É recorde

O lucro líquido do Banco Itaú atingiu R\$ 3,83 bilhões até o mês de setembro - valor 39,4% superior ao de igual período de 2004, quando a instituição apurou ganho de R\$ 2,74 bilhões. Segundo levantamento da consultoria Economática, trata-se do maior resultado na história dos bancos no período de janeiro a setembro. Com esse lucro espetacular, a rentabilidade da instituição sobre o patrimônio líquido subiu de 28,1% para 34,8% - um dos melhores índices do setor. A notícia é do jornal *O Estado de S. Paulo*, 2-11-05.

O fantástico lucro dos bancos de varejo

Os grandes bancos de varejo, como Bradesco, Banco do Brasil e Unibanco, também deverão estampar nos próximos dias lucros espetaculares em seus balanços, a exemplo do Itaú, que ontem apresentou ganho histórico no setor bancário. Segundo o presidente da consultoria Austin Rating, Erivelto Rodrigues, a expectativa é que essas instituições de grande porte tenham resultados entre 40% a 45% superiores aos do ano passado. A notícia é do jornal *O Estado de S. Paulo*, 2-11-05. Já no conjunto dos 170 bancos, a previsão é de um avanço da ordem de 25%. O executivo afirma que boa parte dos ganhos virá da carteira de crédito, principalmente das linhas voltadas para pessoas físicas e micro, pequenas e médias empresas. "A inadimplência nesse nicho de mercado é maior, mas o spread (ganho) compensa", avalia ele.

As religiões estão doentes, afirma Leonardo Boff

"É preciso fazer distinções na Igreja. O Vaticano é uma multinacional que participa da cultura do Ocidente e é cúmplice da sua política ambígua. Apesar disso, é importante que o Papa João Paulo II tenha sido tão decididamente contra a guerra e a favor dos direitos humanos. A tarefa fundamental da Igreja, mais que cuidar da sua persistência, é alimentar a chama espiritual juntamente com o resto das religiões. Mas, João Paulo II se distanciou das demais religiões e aumentou a tensão das relações", afirma Leonardo Boff, em entrevista publicada dia 2-11-05, no jornal espanhol *El País*. Falando de Bento XVI, Leonardo Boff, constata que "o Papa fez bem em reassumir o Concílio Vaticano II, o que significa abrir a Igreja ao mundo, aceitar a existência de muitas igrejas locais e, sobretudo, a necessidade de reforçar o diálogo entre as religiões desde a perspectiva da paz. Ele, como teólogo inteligente, sabe que estes são os eixos básicos, ainda que devemos esperar a sua encíclica". Para Leonardo Boff, "as grandes religiões têm, hoje, uma grande doença: o fundamentalismo. Há grupos e documentos do Vaticano muito fundamentalistas. Os muçulmanos, igualmente. Em ambos os casos, a raiz do entendimento não está na religião, mas na política. Na entrevista publicada pelo jornal espanhol, Leonardo Boff, afirma que "dentro de não muitos anos, seremos todos socialistas por instinto de sobrevivência e não por ideologia. Os recursos da terra serão tão escassos que ou os administramos de forma equitativa ou não haverá mais nada para ninguém. O capitalismo chegou a seu limite".

Sepé Tiaraju, 250 anos depois. Revista IHU On-Line vira livro

Organizado pelo Comitê do Ano de Sepé, o livro **Sepé Tiaraju, 250 anos depois** traz uma série de artigos do escritor Alcy Cheuiche, da pesquisadora Eliana Pritsch, do Frei Luiz Carlos Susin e do Irmão Antonio Cechin, além das entrevistas realizadas com especialistas pelo Instituto Humanitas Unisinos e publicadas na revista *IHU On-Line*, no. 156, 19-9-05, com o título: "Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel". 250 anos de Sepé Tiaraju". A revista pode ser consultada nesta página: www.unisinos.br/ihu O livro será lançado no dia 11 de novembro, às 14h30min, no pavilhão central da Feira do Livro, em Porto Alegre.

Alain Touraine analisa as tensões na periferia de Paris

A rejeição dos imigrantes e o crescimento do comunitarismo constituem uma mistura explosiva que está na origem das tensões periferias-gueto em torno da capital francesa, Paris. Esta é a convicção de Alain Touraine, um dos maiores sociólogos da atualidade. Ela analisa as noites de violência na periferia de Paris na entrevista publicada hoje, 3-11-05, no jornal italiano *Repubblica*. Segundo o sociólogo, "na França houve três gerações de imigrantes. A primeira veio para trabalhar e fazer estudar os filhos. A segunda é integrada, em parte, e é formada por cidadãos franceses que falam francês. A terceira, a atual, deve afrontar uma situação que bloqueia todos os mecanismos de integração social: habitação popular que se tornou um elemento de segregação e o trabalho que falta". E o sociólogo continua: "Além disso, por razões mais internacionais que nacionais, se assiste a duplo fenômeno: de um lado, uma rejeição dos imigrantes por parte da população de origem européia e, do outro, um crescimento do comunitarismo. Dou um exemplo: em dez anos o controle das famílias, particularmente dos irmãos, sobre as moças muçulmanas aumentou enormemente. Algumas jovens dizem que hoje elas têm mais liberdade na Tunísia e na Argélia do que entre nós. Há um segundo nível: com o agravamento da situação econômica, o tema da insegurança cresceu muito e foi acompanhado pela estigmatização dos jovens de origem árabe".

Brasil foi 100º país a ratificar acordo sobre tabaco da OMS

O Brasil se torna o 100º país a ratificar a convenção-quadro do controle de tabaco. Depois de muito lobby da indústria do cigarro pela não adesão do País ao acordo da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Senado finalmente superou a pressão e aprovou o texto do acordo na semana passada. O documento, então, voltou ao Palácio do Planalto, que o depositou na ONU em Nova Iorque, dois dias antes do prazo final. A notícia é do jornal *O Estado de S. Paulo*, 4-11-05. Como membro pleno do acordo, o Brasil poderá agora participar da reunião que ocorre em Genebra em fevereiro e que definirá de que forma os países lidarão com o marketing, impostos e vendas de cigarros. Um ponto importante da reunião será o debate sobre o financiamento de programas para ajudar os atuais plantadores de fumo a transformar seus cultivos em outros produtos. A OMS, porém, insiste em que os efeitos do acordo para a produção somente serão sentidos a médio prazo.

Leonardo Boff: "Eu espero muito deste Papa"

"Eu destacaria várias das coisas boas que o Papa anunciou: a primeira, reassumir o Concílio Vaticano II, porque não era seguro que o fizesse; a segunda, descentralizar a instituição revalorizando as igrejas locais, algo muito importante porque com João Paulo II houve uma centralização fantástica, como se ele fosse o único bispo; e a terceira é o reforço do diálogo inter-religioso na perspectiva da paz. É uma boa base para começar. Eu espero muito do Papa, que é um teólogo inteligente. Saberemos melhor tudo isso quando publicar a primeira encíclica, que será a plataforma política do que vai ser a sua atuação". O comentário é de Leonardo Boff, em entrevista publicada pelo jornal eletrônico espanhol *Periodista Digital*, 2-11-05. Segundo o jornal eletrônico, igual que outro célebre teólogo, também censurado pelo Vaticano, Hans Küng, que há semanas, depois de se entrevistar com Ratzinger disse que saía com muita esperança, Boff comenta que os primeiros anúncios de Bento XVI vão pelo bom caminho.

De cada três franceses, dois rejeitam o capitalismo e o poder dos acionistas

De cada três franceses, dois rejeitam o capitalismo e o poder dos acionistas. O desamor entre o capital e os franceses é revelado, categoricamente, por uma pesquisa de opinião pública publicada no jornal Libération, 4-11-05. Segundo o jornal, um resultado surpreendente, quando parecia que a livre empresa era o consenso. Na pesquisa, o socialismo tem 51% de opiniões positivas. Segundo o diretor da LH2 Opinion, empresa responsável pela pesquisa, François Miquet-Marty, os dados revelam “a dificuldade, já conhecida, da sociedade francesa em aceitar a idéia do liberalismo econômico, mas ela mostra também a amplitude do mal-estar suscitado pela noção do capitalismo”. Para 41% dos franceses, o capitalismo é “a exploração do homem pelo homem” e para 45% ele é “a acumulação das riquezas” por um pequeno número de pessoas. Segundo François Miquet-Marty, “para os franceses é o capitalismo de hoje, dominado pela esfera financeira, que os faz reagir e não o sistema de produção do século XIX”. Dois terços dos franceses, quando perguntados “quem tem o poder nas empresas?” respondem: “os acionistas” e os mesmos desejam que os assalariados tenham o poder (67%).

A Igreja defende o criacionismo. “Darwin não nega a criação”

No debate que está dividindo escolas e universidades dos EUA sob a provocação dos grupos evangélicos fundamentalistas, desejosos de impor o criacionismo como “hipótese alternativa” a ser ensinada obrigatoriamente nos institutos públicos, a Igreja Católica toma a defesa de Darwin. “Os fundamentalistas querem tomar ao pé da letra as palavras da Bíblia”, que não tem “finalidade científica”, declara o cardeal Paul Poupard. O cardeal, presidente do pontifício Conselho para a Cultura, precisa que é necessário dar-se conta que ciência e teologia agem em campos diferentes. A intervenção do cardeal, feita por ocasião do primeiro congresso organizado no Vaticano sobre o tema do Infinito, com a participação de cientistas internacionais, marca a posição do Vaticano, que há anos aceita as teorias do evolucionismo. A notícia é do jornal italiano Repubblica, 4-11-05.

Citando Pascal, Poupard afirma que “ciência e teologia agem em campos diversos, cada um no seu próprio”.

No mês de julho deste ano, um artigo do cardeal de Viena, Christoph Schoenborn, parecia desvalorizar totalmente as teorias de Darwin, declarando-as incompatíveis com a fé. No artigo, publicado no New York Times, Schoenborn definira como “vagas e não importantes” as declarações de João Paulo II sobre o evolucionismo. Um grupo de cientistas americanos escreveu, então, para Bento XVI, pedindo que confirmasse a posição do papa Wojtyła.

Deixem-nos ouvir a sinfonia do universo. O apelo de cientistas

Não é sempre que acontece que o cientista mais famoso do mundo escreva para a agência espacial mais poderosa do planeta para expressar o seu apoio incondicional a uma missão científica que estudando as ondas gravitacionais nos permitirá ouvir “os sons, a sinfonia do universo”. A fazê-lo, na semana passada, foi Stephen Hawking, que juntamente com outros 9 colegas de prestígio, entre os quais dois prêmios Nobel, enviaram uma carta a Mary Cleave, a ex-astronauta que desde agosto é chefe do programa científico da Nasa. A carta faz uma apaixonada exposição das promessas para a astronomia e para a física de um projeto extremamente ambicioso seja do ponto de vista tecnológico seja do ponto de vista científico: uma constelação de 3 satélites que girarão em torno do Sol em formação triangular, trocando medidas a uma distância de 5 milhões de quilômetros para cada lado do triângulo com o objetivo de revelar uma radiação prevista por Einstein, mas nunca observada. Para mais detalhes da carta, traduzida por nós para o português, confira as notícias diárias, 5-11-05, na página www.unisinos.br/ihu

Frases da semana

“Não seremos uma estrela a mais na bandeira ianquel!” – Raúl Castells, argentino, líder piqueteiro - O Estado de S. Paulo, 5-11-05.

“Trouxemos nossas pás. Estamos aqui para enterrar a Alca. Em Mar del Plata ficará o túmulo da Alca”. - Hugo Chávez, Presidente da Venezuela - O Globo, 5-11-05.

“Encontrei em Mar del Plata uma bagunça e um esportista metido em política”. - Vicente Fox, presidente do México, referindo-se a Maradona - O Globo, 5-11-05.

“A fé cega e excludente no mercado faz desaparecer o Estado e avançar a degradação da política”. - Néstor Kirchner, presidente da Argentina, no discurso proferido na 4ª Cúpula das Américas - Clarín, 5-11-05.

“São os fatos que indicam que o mercado por si só não reduz os níveis de pobreza e são os fatos também que nos provam que um ponto de crescimento em um país, com forte iniquidade, reduz a pobreza em menor magnitude que em outro país com uma distribuição de renda mais igualitária”. - Néstor Kirchner, presidente da Argentina, no discurso proferido na 4ª Cúpula das Américas - Clarín, 5-11-05.

“Creio que a posição norte-americana de primeira potência mundial é indiscutível. Não se trata de um juízo de valor, mas de um dado de realidade. Creio que o exercício responsável dessa liderança em relação à nossa região deve considerar necessariamente que as políticas aqui aplicadas não só provocaram miséria e pobreza como também agregaram instabilidade regional responsável pela queda de governos democráticos” - Néstor Kirchner, presidente da Argentina, no discurso proferido na 4ª Cúpula das Américas - Clarín, 5-11-05.

“A Alca está morta. A Alca está morta!” – Hugo Chávez, presidente da Venezuela, comentando o resultado final da IV Cúpula das Américas – Clarín, 6-11-05.

IHU em revista

eventos pg. 48
ihu repórter pg. 65

O diálogo e o grupo: uma experiência transdisciplinar na escola

Nesta segunda-feira, 7 de novembro, acontece mais um **Encontro de Ética**. A apresentação está a cargo da Prof.^a Dr.^a Flávia Clarici Mädche, da Unisinos, e acontece na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), com entrada franca a todos os interessados. A pedagoga concedeu uma entrevista exclusiva sobre o assunto à *IHU On-Line* da semana passada, edição 162, falando a respeito de alguns aspectos que irá abordar hoje.

Flávia é graduada em Pedagogia Habilitação Magistério pelas Faculdades Integradas de Santo Ângelo (FISA) e em Pedagogia Habilitação Supervisão Escolas de 1º e 2º graus pela Faculdade de Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente, em São Paulo. É mestre e doutora em Ciências da Educação pela Universität München Ludwig-Maximilians, na Alemanha, com a tese *Kann Lernen wirklich Freude machen? Der Dialog in der Erziehungskonzeption von Paulo Freire*, publicado em 1995 pela editora SPAK, de Munique. De sua produção bibliográfica, destacamos *Abrindo perspectivas: a intersubjetividade na pedagogia de Paulo Freire*. Porto Alegre: Editora da Casa, 1998; *Paulo Freire: Ética, Utopia e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1999; *Práticas Pedagógicas em Matemática e Ciências nos Anos Iniciais: Caderno do Professor*. Brasília; São Leopoldo: Ministério da Educação; Unisinos, 2005, estes dois últimos por ela organizados.

Estudando as Religiões XVII

Aspectos das Teologias Africanas

O tema do evento **Estudando as Religiões XVII**, em sua próxima edição, será *Aspectos das teologias africanas*. A promoção é do Grupo Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo (GDIREC). Anote as informações: é em 9 de novembro, das 19h às 20h30min, na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). A entrada é franca e toda a comunidade acadêmica pode participar.

Quarta com Cultura Unisinos – Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo

Discutir as *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. Com esse objetivo acontecerá, nesta quarta-feira, 9 de novembro, a conferência de encerramento do **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, na série **Quarta com Cultura Unisinos**. A atividade iniciará às 19h30min, estendendo-se até as 21h30min, na Livraria Cultura, no Bourbon Shopping Country, em Porto Alegre. A obra *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, de Max Weber (1864-1924), serve como base para a discussão. O palestrante é Antonio Flávio Pierucci, docente na Universidade de São Paulo (USP).

Pierucci é graduado em Filosofia e mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP.

Cursou doutorado em Sociologia e fez Livre-Docência na USP. Sua tese recebeu o título *Desencantamento do mundo: os passos do conceito em Max Weber*.

A ética protestante e o “espírito” do capitalismo de Max Weber. Um debate com Antonio Flávio Pierucci

Dia 10 de novembro, das 14h às 17h, na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos, será realizada mais uma atividade do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. Trata-se da palestra *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Antonio Flávio Pierucci, da Universidade de São Paulo (USP). A obra *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, de Max Weber (1864-1924) serve como base para a discussão. Antônio Flávio Pierucci concedeu a entrevista intitulada *Em defesa da pluralidade e da multicausalidade*, sobre Max Weber, à *IHU On-Line* n.º 101, de 17 de abril de 2004. Dele, também publicamos o artigo *O retrovisor polonês* na *IHU On-Line* n.º 136, de 11 de abril de 2005, e uma entrevista na 159ª edição da *IHU On-Line*, de 10 de outubro de 2005, sobre a greve de fome de Dom Luiz Flávio Cappio. Sobre Max Weber, confira o *Caderno IHU em Formação* número 3, de 2005, disponível em www.unisinos.br/ihu.

Confira, a seguir, a entrevista que o professor Pierucci concedeu, por telefone, à redação da revista *IHU On-Line*, comentando aspectos do tema que apresentará na próxima quarta-feira, em Porto Alegre, e na quinta-feira, na Unisinos.

Uma ética profissional que surge da ética religiosa

Entrevista com Antonio Flávio Pierucci

***IHU On-Line* - Quais são as relações e implicações da ética protestante para o capitalismo?**

Antonio Flávio Pierucci - O livro de Weber fala da ética protestante e do espírito do capitalismo. Essa é uma primeira distinção. A originalidade de Weber não está em procurar uma relação entre capitalismo e protestantismo, porque isso já era uma questão comum no tempo dele. Já se discutia, segundo ele mesmo diz, logo no início, em congressos católicos, o porquê dessa afinidade tão grande entre países capitalistas e protestantismo, no caso específico da Inglaterra e dos Países Baixos e porque, nos países pluriconfessionais, onde havia católicos e protestantes, eram exatamente os protestantes aqueles que se transformavam em capitalistas, em proprietários de capital, ou, quando trabalhadores, eram especializados, com mão-de-obra qualificada e assim por diante. Existe um historiador, William Petty, que, em 1899, portanto Weber já era professor nessa época, lançou um livro, mostrando exatamente essa relação muito próxima entre protestantismo nos Países Baixos e desenvolvimento capitalista. O que Weber faz como sociólogo foi introduzir a maneira como se dá essa relação, qual é o *link* que faz com que uma religião tão austera, tão exigente no que diz respeito à conduta, tão fortemente apoiada na bíblia, que, às vezes, desconfia da riqueza, quando não a desvaloriza, tem tanto interesse pela riqueza e por sua posse. Weber faz, então, uma análise econômica de um modo de produção, criando uma ética

profissional, ou seja, da ética religiosa surge uma ética profissional, uma valorização do trabalho, mas do trabalho profissional, metódico, cotidiano, e essa ética é que acaba repercutindo no desenvolvimento do capitalismo. Quer dizer Weber não afirma que o protestantismo gera, origina ou mesmo impulsiona o capitalismo, e sim se torna um intermediário que ele chama de “espírito” do capitalismo.

***IHU On-Line* - O que Weber quer dizer, exatamente, com a palavra “espírito” do capitalismo?**

Antonio Flávio Pierucci - Weber queria dizer exatamente que ele estava se referindo não à prática cotidiana da economia, não aos negócios diretamente, mas ao espírito com que se fazem esses negócios, ou seja, o que ele chama, num jargão sociológico, de *ethos*, que é, na verdade, um modo de vida, uma conduta de vida, baseada em normas éticas, e essas normas ele chama de ascéticas, que valorizam muito não apenas o trabalho como domínio da natureza, mas o trabalho como domínio de si mesmo, como controle de si. Isso acaba surgindo da ética protestante. É como se disséssemos hoje que Weber não está interessado no capitalismo como economia, mas no capitalismo como cultura, modo de ser, não de pensar, mas de viver, porém com uma sensação de obrigação. Por isso, ele diz que é uma ética profana, mas é uma ética, porque as pessoas que estão submetidas ao espírito do capitalismo têm um forte sentimento de dever, quanto ao

trabalho racional, mas de dever também com relação a um trabalho que seja produtivo, que tenha objetivos, que tenha a obrigação de crescer, isto é, que, ao trabalhar, a pessoa sinta não só obrigação de trabalhar, mas de melhorar a sua vida, aumentar os seus bens. É como se o livro de Weber pudesse ser chamado *A ética protestante e a ética capitalista*. Esse espírito é uma ética, ou, como se chama nas ciências sociais, um *ethos*.

IHU On-Line - Em que sentido o espírito do capitalismo estaria fundamentado no protestantismo?

Antonio Flávio Pierucci - Isso faz muito sentido, porque Weber não toma o protestantismo de um modo geral. O livro é muito interessante porque vai logo desmontando a idéia de que o protestantismo é uma coisa só. Ele faz distinção entre Lutero¹³ e Calvino¹⁴, e quando ele introduz que tipo de protestantismo influencia na formação dessa ética profissional, capitalista, seleciona o protestantismo que chama de ascético, puritano. Ele vivia na Alemanha, numa família de origem puritana, de origem luterana, e tinha certeza de que o luteranismo não foi capaz de gerar o espírito do capitalismo, mas que o calvinismo e todas as seitas protestantes ascéticas, que têm alguma familiaridade com o calvinismo, mesmo que não sejam diretamente desmembramentos deste,

¹³ **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo e reformador alemão, líder da Reforma, movimento religioso que levou ao nascimento do protestantismo. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ **João Calvino** (1509-1564): um dos principais líderes da Reforma. Dotado de grande inteligência, além de ter sido excelente orador e autor de muitos livros e de vasta correspondência, tinha também excepcional capacidade de organização e administração. Essas características fizeram com que Calvino se destacasse como figura dominante da Reforma. Os adeptos de Calvino, chamados de calvinistas, desenvolveram teorias políticas que defendiam o governo constitucional e representativo, o direito do povo de mudar o governo e a separação entre o governo civil e o governo da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

são fortemente disciplinadoras da conduta e estimulam a poupança. Isso quer dizer: “trabalha bastante, Deus quer que tu trabalhes bastante, mas quer, também, que tu poupes, não gastes em luxo, ostentação, futilidades...”, o que acaba gerando uma compulsão ascética à poupança, que, segundo ele, favoreceu, no início (porque o capitalismo que Weber está analisando é o capitalismo dos séculos XVI e XVII, da fase manufatureira, não houve ainda a Revolução Industrial), mas essa maneira de agir forma um espírito metódico, cotidiano, com jornadas de trabalho e horários estritos, cria um espírito de disciplina que favorece a continuidade do trabalho, o planejamento e uma certa previsibilidade, levando a um espírito de cálculo, e tudo coroado de uma forte exigência de poupança, ou seja, de não-desperdício. Isso, diz Weber, é um passo para a idéia de acumulação de capital. Trabalha-se, ganha-se dinheiro e não se gasta.

IHU On-Line - Em linhas gerais, no mundo de hoje, qual é a relação entre economia e religião?

Antonio Flávio Pierucci - Em linhas gerais, hoje essa relação fica bem mais difícil segundo o próprio Weber, e ele escreve no início do século passado. Já no tempo dele, na Alemanha, o capitalismo é o autonomizado, e passou por sua grande fase expansionista no século XIX, caracterizada pela entrada do capitalismo na fase de produção de capital, e não apenas de produção de mercadorias. Já o capitalismo que produz máquinas, equipamentos, isto é, produz mercadorias para outros capitalistas consumirem e, por sua vez, produzirem mercadorias. Isso já é, digamos, uma certa autonomização, e ele usa uma expressão muito interessante do capitalismo como um cosmos econômico, que passa a ter suas próprias leis e a economia se autonomiza. Ela não precisa mais de

uma escora religiosa, de uma motivação religiosa.

IHU On-Line - Ela se retroalimenta?

Antonio Flávio Pierucci - Sim, é isso mesmo. E ela vai formando as pessoas das quais necessita. Ela não precisa mais da religião. Weber diz que se esvanece o espírito religioso da ética protestante, mas fica uma ética, o espírito do capitalismo. Então, nós temos hoje o capitalismo com o espírito do capitalismo, graças a uma ética religiosa que foi muito eficiente em disciplinar as pessoas para o trabalho.

IHU On-Line - Qual é a atualidade do pensamento weberiano na sociedade globalizada, onde o capital não tem pátria?

Antonio Flávio Pierucci - A primeira atualidade tem a ver com o que eu respondi na pergunta anterior, com a idéia de que nós não precisamos mais de religião, mas nos sentimos obrigados primeiro a trabalhar bem e a nos realizar profissionalmente. No final do livro, Weber diz aquilo que os reformadores e, sobretudo, os pastores das curas de almas jogavam sobre os crentes, os santos, como um leve manto, que era a ética protestante, acaba se transformando numa crosta rija de aço. Mas que crosta é essa? É essa sensação absurda, um pouco irracional, de que nós temos o dever de nos realizar profissionalmente. Essa idéia surgiu com o protestantismo – a realização profissional como uma vocação porque a idéia de vocação para o catolicismo ainda estava vinculada à idéia de vocação sacerdotal, para o ministério divino, para a vida monástica. E é o protestantismo que seculariza a idéia de vocação, transformando-a em idéia de vocação para uma profissão secular, mundana. Todo movimento das mulheres hoje é para reivindicar, ironicamente, que, no lar, a mulher não se realiza tanto quanto ela mereceria exercendo uma profissão. Essa idéia que Weber apresenta, permanece e não

é mais vinculada a nenhum chamamento divino.

IHU On-Line - Há relações entre o protestantismo e uma moralidade econômica?

Antonio Flávio Pierucci - A idéia do protestantismo e da moralidade econômica vem dessa idéia de dever. O protestantismo incute nas pessoas duas idéias: a de que elas cumprem a vontade de Deus trabalhando, mas não de modo precário, instável, mas cotidiano, em que cumpram diariamente a vontade de Deus neste mundo. Essa é uma idéia que vem do luteranismo, na tradução que Lutero faz da Bíblia, de um trecho do Eclesiástico, que diz assim: “persevera na tua profissão”. No original, está “persevera na tua vocação”. Então, Lutero dá um pouco dessa conotação nova e que acaba influenciando toda a ética protestante de valorização do trabalho. Isso está também no luteranismo, mas Weber irá dizer que nele não há uma idéia básica que os protestantes puritanos ou ascéticos acabam descobrindo, que é a idéia de que as pessoas não estão condenadas a uma profissão eternamente, ou seja, se Deus lhes oferece uma oportunidade de melhorar de profissão, de ganhar mais numa determinada profissão, de mudar ou exercer duas profissões, tudo isso é valorizado pelos protestantes como oportunidades a mais que Deus dá, primeiro, de exercer e cumprir a vontade dele para a glória do próprio Deus, mas também para o bem comum. Mais do que isso, Weber desce a detalhes, porque o protestantismo incute idéias de disciplina, controle das paixões, que nós chamaríamos de uma maneira um pouco mais psicanalítica, de repressão. O protestantismo ascético é muito repressor dos prazeres, do gozo da vida, o que faz com que muitos sociólogos e historiadores digam “mas o capitalismo de hoje precisa exatamente disso, que a gente consuma, goze a vida, enfim, o capitalismo não é mais aquele

que exige a poupança, pelo contrário, estamos vivendo um capitalismo de consumo”. Nesse caso, faz-se a cobrança da teoria weberiana que não acompanha essa fase do capitalismo que estamos vivendo agora sob este aspecto, embora saibamos que existem camadas da sociedade que estão inteiramente disciplinadas para o trabalho e chegam a ficar neuroticamente viciadas nele, como os *workaholics*.

IHU On-Line - De que forma as idéias de Weber podem iluminar a situação econômica brasileira?

Antonio Flávio Pierucci - É difícil. Não dá. Primeiro porque Weber não é um economista. Ele se formou em Direito, mas ele fazia história econômica.

Nenhum manual de teoria econômica vai dar muita importância para Max Weber. Ele não ficou discutindo os preços nem como se faz o cálculo de capital. Ele mostrou que a economia não está solta no espaço, mas tem condicionantes sociais, e entre eles a religião funciona como um fator importante. Entretanto não dá para pedir ao Weber algo que diga respeito à economia brasileira. Isso vou frisar na minha fala. O **Ciclo de Clássicos da Economia** está encerrando, e Weber pode ser chamado para contribuir na economia, porque ele sabia muita coisa de economia, mas ele quis ser um sociólogo, embora tenha feito muita história econômica.

Enfrentando violências em São Leopoldo: o olhar da saúde coletiva

Em entrevista à *IHU On-Line* número 162, as pesquisadoras Elida Hennington e Stela Meneghel, do PPG em Saúde Coletiva da Unisinos, falaram sobre o tema *Enfrentando violências em São Leopoldo: o olhar da saúde coletiva*, apresentado por elas no *IHU Idéias*, de 3 de novembro. Elida Hennington é médica e doutora em Saúde Coletiva. Stela Meneghel é médica, mestre e doutora em medicina com ênfase em Clínica Médica. Conheça as opiniões de dois dos participantes desse encontro.

Ecoss do Evento

“Acho muito importante esse tema que as professoras desenvolvem, porque esse tipo de pesquisa com causas externas é pouco visibilizado, já que a saúde coletiva fica muito no campo da medicina. É importante o enfrentamento da violência, no sentido de unir a universidade com instituições que trabalham com situações de violência para adquirir mais credibilidade, fazendo com que as pessoas confiem mais na hora de pedir ajuda”.

Thaís Pereira Siqueira, aluna na Graduação em Psicologia na Unisinos.

“Conheço o projeto das professoras, e isso levou-me a assistir a palestra e conhecer ainda mais detalhes sobre o assunto. Da fala da professora Stela, chamou-me a atenção a questão da violência feminina, que tem uma abrangência muito maior do que podemos supor, alcançando a vida privada e profissional. Por enquanto, não há uma resposta concreta para o problema da violência, mas discussões desse tipo nos ajudam a pensar em soluções e entender melhor o que está acontecendo”.

Cristiane Stefenon, bolsista na área de Saúde Coletiva e estudante da graduação em Biologia, na Unisinos, 7º semestre

Diversidade religiosa à brasileira

Entrevista com Antônio Flávio Pierucci

Antônio Flávio Pierucci, da Universidade de São Paulo (USP), será o palestrante de mais um evento promovido pelo IHU nesta semana. Ele falará sobre o tema *Diversidade religiosa à brasileira*, no próximo *IHU Idéias*, que acontecerá dia 10 de novembro de 2005. O evento é aberto à comunidade acadêmica e será realizado das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Ele fala sobre o assunto da palestra na entrevista que segue, concedida por telefone à *IHU On-Line*, na última semana.

IHU On-Line - Como explica a diversidade religiosa à brasileira?

Antônio Flávio Pierucci – À brasileira, porque nós, brasileiros, somos considerados mundialmente, em primeiro lugar, como uma nação multicultural. Não porque falemos mais de uma língua como no Canadá ou na Bélgica. Não temos uma pluralidade lingüística nem dialetos. Entretanto somos multirraciais. Não só nós, mas o continente americano todo, desde os EUA até o Chile, nós somos muito diversificados. Todos os povos coloniais acabam sendo um pouco assim. De qualquer forma, cultivamos isso no Brasil. Com a idéia de democracia racial nós nos habituamos a ver como um país muito plural, muito colorido, multicolorido. Isso projetamos um pouco na religião também. Fala-se que existe todo o tipo de religião no Brasil, e é verdade. O senso de 2000, na pergunta “qual a sua religião?”, registrou mais de 35 mil respostas diferentes, está no relatório do IBGE. Acontece que, quando se começa a juntar e fazer os cálculos, se tem, segundo o mesmo censo, 74% de católicos e 15,5 % de protestantes ou evangélicos. Há uma coisa muito curiosa que são os “sem religião”, eles já são 7,3%. Quando somamos católicos e protestantes ou evangélicos já se tem 90% da população o que significa que 90% da população brasileira se declaram, de alguma forma, cristãos. Ou católicos ou evangélicos. Onde está a pluralidade aí? Por enquanto é binária e ainda toda cristã. Todos acreditam num Deus só, todos acreditam que Deus é uno e trino. Há muitas semelhanças para dizer que isso já pode ser celebrado ou comemorado como uma grande expressão de pluralidade religiosa. Se somarmos aos 90% os 7,3% sem religião. O que sobra? Vamos dizer 3% para as outras religiões. Aí se coloca desde as afro-brasileiras, o espiritismo kardecista, judeus, budistas, muçulmanos, hinduístas, esotéricos, as tradições indígenas, o Santo Daime, etc.

Isso me faz pensar que temos uma pluralidade religiosa muito peculiar.

IHU On-Line- Onde estaria, então, a pluralidade religiosa?

Antônio Flávio Pierucci – Temos dois grandes blocos cristãos que pressionam muito os outros grupos. Religiões politeístas como o hinduísmo e as afro-brasileiras e mesmo as monoteístas como o Islã precisam fazer um esforço danado para se firmar e conseguir algum espaço no Brasil, mesmo que o Estado brasileiro garanta total e plena liberdade religiosa. Quando eu digo que há uma diversidade religiosa à brasileira, quero dizer que nos olhamos no espelho, nos vemos muito multicoloridos e quando olhamos para o lado só enxergamos cristãos. O censo mostra que, quando se calcula isso, se computa, é muito pouca gente.

IHU On-Line - Como explicaríamos essa dinâmica?

Antônio Flávio Pierucci – Há várias hipóteses. Nossa história é de constante recristianização. Temos um período longo da colônia onde o catolicismo era muito frágil, muito frouxo, mas que, no final do império, começa a ocorrer um processo de humanização. O catolicismo passa a educar pessoas, a catequizar melhor, a envolver as pessoas com atividades religiosas. Nessa época, começam a chegar os protestantes. Primeiro os históricos e no começo do século XX, os pentecostais. Percebemos que o povo brasileiro começa a ser “evangelizado”, pela mensagem bíblica do Novo Testamento e ficamos todos cristãos. Tanto que, por exemplo, os espíritas kardecistas, se consideram na maior parte deles, cristãos. Se juntarmos estes 90% com os espíritas que embora não sendo igrejas cristãs valorizam muito o evangelho e os ensinamentos de Jesus, vamos ver como somos um país cristão. Não é à toa que temos como cartão postal o Cristo Redentor.

IHU On-Line - Essa diversidade religiosa que temos, mesmo com fortes traços cristãos, contribui para que sejamos um povo mais tolerante com a diferença?

Antônio Flávio Pierucci - Não, pelo contrário. O que estamos vendo hoje é uma guerra religiosa muito intolerante. Ela estoura, às vezes, em gestos mais violentos, no sentido de violência física. Se prestarmos atenção na luta que se processa entre católicos, evangélicos e afro-brasileiros, percebe-se um processo descarado de desqualificação mútua. Hoje vivemos no Brasil muita liberdade religiosa, mas também muita liberdade para desqualificar a religião do outro. O que está acontecendo já é um clima bastante conflitivo. Vejo com muita preocupação isso. Os afro-brasileiros estão sendo agredidos diariamente, por algumas igrejas neopentecostais.

IHU On-Line - De que forma o brasileiro se apropria ou se apropriou dos rituais e das religiões que vieram de outros continentes?

Antônio Flávio Pierucci - Somos um país com muito tempo de religião oficial católica. O catolicismo é uma religião sacramental. Sociologicamente isso significa que o catolicismo funciona independentemente das pessoas serem bons católicos ou não. A eficácia sacramental está no cumprimento rigoroso dos rituais, de acordo com o prescrito, enfim, a absolvição acontece, os pecados são perdoados, o pão se transforma no corpo de Cristo. O catolicismo é mais tolerante com relação a outras religiões, embora tenha havido perseguição, sacrifício e visitas do Santo Ofício na nossa história colonial. O católico se acomoda com práticas, pode ir a uma sessão espírita sem achar que está fazendo nenhum absurdo. O catolicismo se deu muito bem com as religiões afro-brasileiras, não o catolicismo oficial, mas o vivido pelas pessoas. Isso favoreceu uma espécie de sincretismo pessoal. O protestantismo

distingue bem uma religião da outra, como água e óleo, não se mistura. Estamos vivendo uma novidade no Brasil. Saímos de um período em que havia uma religião dominante, hegemônica, o catolicismo, que se adaptava de uma maneira um pouco mais benevolente, mais complacente com outras confissões religiosas, para uma fase em que há uma religião que não é tão minoritária, como o protestantismo, com uma visão muito mais segregacionista em relação às outras religiões. Você pode ser católico e participar de uma sessão espírita, mas não se você é protestante. Há duas lógicas hoje em operação na nossa convivência com a pluralidade religiosa. Uma lógica católica, que é mais sincrética, e uma lógica protestante, que poderíamos chamar de mais pluralista: você mantém as diferenças, sem apagá-las.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o Papado de Bento XVI até esse momento e o que podemos esperar dele?

Antônio Flávio Pierucci - O que podemos esperar é o fortalecimento de um catolicismo mais clerical, mais romano. É o fortalecimento da romanização do nosso catolicismo e sob a autoridade hierárquica. Vejo o reinado de João Paulo II como uma tentativa de mostrar que o catolicismo tem alguns princípios dos quais ele não abre mão. Essa coisa do católico achar que pode ser católico desobedecendo às normas mais especificamente católicas... Por exemplo, o Papa condena o aborto muito claramente, mas eu não sei se isso vai mudar o comportamento dos católicos. Digo sempre nos meus cursos de sociologia da religião, que ser católico talvez seja a forma mais fácil de praticar uma religião. Nós temos um Papa que quer diminuir essa flexibilidade. O catolicismo é muito flexível. O catolicismo que meus pais vivem, que meus irmãos vivem, que meus amigos vivem, é diferente um do

outro, porque existem formas muito personalizadas, muito particulares de vivê-lo.

IHU On-Line - Quais são os principais desafios que as religiões tradicionais terão no século XXI?

Antônio Flávio Pierucci - O grande desafio das religiões na sociedade contemporânea é, de um modo geral, enfrentar o problema da individualização crescente. Nós vivemos em uma sociedade de onde os processos de individualização estão muito fortes, muito eficazes e mais profundos. Transformamo-nos cada vez mais cedo em indivíduos, nos afastamos cada vez mais da nossa família. Quando uma família coloca seu filhinho ou filhinha na escola, não só na escola para ser alfabetizado/a, mas na escolinha de inglês, de judô, de balé... são processos de individualização, ou seja, de afastamento do indivíduo dos laços familiares. Esses processos são muito fortes porque desentranham o indivíduo de seus laços tradicionais. As religiões que enfatizam a manutenção dos laços tradicionais têm que fazer um esforço muito grande para enfrentar outros fatores que vão em direção contrária. Por isso eu tenho defendido um pouco essa hipótese, e por enquanto é apenas hipótese. Acho que os evangélicos saem ganhando. O protestantismo, de todas as religiões existentes hoje no Brasil, é a que tem mais facilidade de lidar com a idéia do indivíduo. Deus chama o indivíduo, Deus quer o indivíduo, e não o grupo. Deus quer salvar você, e não necessariamente você e a sua esposa, nem você e seus filhos. Ele põe na cabeça da pessoa que primeiro Deus o quer. Quer a ele como pessoa, como indivíduo. O catolicismo tem uma dificuldade muito forte de fazer esse

discurso. As outras religiões tradicionais nem se fala. As religiões afro-brasileiras ainda pensam seus fiéis como pertencendo a um grupo étnico, digamos de ascendência afro. Os judeus ainda são uma religião voltada para um grupo. É verdade que já há manifestações do judaísmo que são abertas para a conversão de pessoas que não são descendentes de judeus, mas ainda é fortemente uma religião étnica. É o fim das religiões étnicas, e o crescimento das religiões individuais com liberdade para as pessoas fazerem um pouco a religião a sua maneira.

IHU On-Line - O senhor gostaria de fazer mais alguma consideração?

Antônio Flávio Pierucci - Muita gente se questiona sobre o motivo que faz as pessoas serem tão ligadas à religião. Essa idéia de que nós estamos vivendo uma grande liberdade religiosa leva algumas igrejas a serem mais ativas. Isso tem obrigado outras confissões religiosas a saírem de uma certa inércia e se transformarem em igrejas mais mobilizadas. Revendo conceitos, arregaçando as mangas e indo à luta. Digamos que aumenta a livre concorrência entre as religiões. Num regime de livre concorrência, se você deixa seu concorrente disparar na sua frente, você começa a ir para trás. Não é que você fique parado, você regride. Isso faz com que o panorama religioso brasileiro apareça aos nossos olhos cada vez mais agitado. Tem-se de fato pessoas, os profissionais da religião como a sociologia os chama, mais empenhados em conquistarem adeptos uns dos outros. Isso esse cria esse clima e faz com que pensemos que está todo mundo atrás de religião, mas na verdade é a religião que está atrás de nós.

O Concílio Vaticano II e seus impulsos para o diálogo inter-religioso

Dia 10 de novembro, das 19h30min às 22h, acontecerá na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos, a última palestra do **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II: marcos, trajetórias e prospectivas**. A Prof^a Dr^a Cleusa Maria Andreatta, docente na Unisinos e na Unilasalle, e coordenadora do programa Teologia Pública, do IHU, será a palestrante. O tema proposto tratará sobre *O Concílio Vaticano II e seus impulsos para o diálogo inter-religioso*.

Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema

O Incrível Exército de Brancaleone

Na contramão das tendências cinematográficas da época, Mario Monicelli dirigiu, em 1966, *O Incrível Exército de Brancaleone*, sátira que usa a Idade Média como elemento crítico à sociedade italiana de sua época e também àquela governada por Benito Mussolini, o Duce. Recheado de metáforas ao momento político e social da Itália, contra os autoritarismos fascistas, o filme é um marco da comédia dentro e fora de seu país de origem, afirma o historiador Ricardo Fitz. Ele foi o responsável pelo debate que houve em seguida à exibição de *Brancaleone* na penúltima atividade do **Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos no último sábado, dia 5 de novembro. Confira a entrevista que o historiador concedeu à *IHU On-Line* número 162. Na conversa ficou clara a intenção de Monicelli em produzir um filme que aproximasse seu personagem central, o nobre decadente Brancaleone, ao anti-herói de Cervantes, Dom Quixote de La Mancha. Ricardo Fitz é graduado e mestre em História, o primeiro curso realizado nas Faculdades Porto Alegrenses de Ciências e Letras (FAPA), e o segundo na Unisinos. Atualmente, leciona na FAPA. Confira a opinião de alguns participantes:

Ecoss do Evento

“O filme Brancaleone é muito interessante porque, através da ironia, mostrou e criticou fatos sobre a Idade Média, fazendo-nos pensar a respeito do que aconteceu, e quando, realmente. Há diversos momentos em que o absurdo exposto pelo personagem principal mostra que o homem da Idade Média não era sempre um herói, mas um ser humano comum. A nível geral, o Ciclo é importante para discutirmos coisas dadas por certas que, na verdade, não são”.

Fabricia Daudt, aluna da graduação em História na Unisinos, 4º semestre

“Acredito que os filmes assistidos e depois analisados pelo Ciclo nos oferecem uma visão mais crítica. Assim, conseguimos assistir com outros olhos o que o cinema mostra, entendendo que suas produções são um recorte, uma construção, e não a fotografia de um episódio. Isso serve para nos ajudar na carreira de professores, despertando o senso crítico dos alunos. Sobre Brancaleone em específico, a sátira serviu para desconstruir e criticar o autoritarismo, o que foi muito inteligente”.

Roger Viliano, aluno da graduação em História na Unisinos, 2º semestre

Cruzada, de Ridley Scott

Ficha Técnica

Título Original: Kingdom of Heaven

Gênero: Aventura

Tempo de Duração: 145 minutos

Ano de Lançamento (EUA / Inglaterra / Espanha): 2005

Site Oficial: www.kingdomofheavenmovie.com

Estúdio: 20th Century Fox / Kanzaman S.A. / Scott Free Productions

Distribuição: 20th Century Fox Film Corporation

Direção: Ridley Scott

Roteiro: William Monahan

Produção: Ridley Scott

Música: Harry Gregson-Williams

Fotografia: John Mathieson

Desenho de Produção: Arthur Max

Direção de Arte: Robert Cowper, John King e Marco Trentini

Figurino: Sonja Klaus

Edição: Dody Dorn

Efeitos Especiais: Double Negative / Neil Corbould Special Effects Ltd. / The Moving Picture Company

Sinopse

Balian (Orlando Bloom) é um jovem ferreiro francês, que guarda luto pela morte de sua esposa e filho. Ele recebe a visita de Godfrey de Ibelin (Liam Neeson), seu pai, que é também um conceituado barão do rei de Jerusalém e dedica sua vida a manter a paz na Terra Santa. Balian decide se dedicar também a esta meta, mas, após a morte de Godfrey, ele herda terras e um título de nobreza em Jerusalém. Determinado a manter seu juramento, Balian decide permanecer no local e servir a um rei amaldiçoado como cavaleiro. Paralelamente ele se apaixona pela princesa Sibylla (Eva Green), a irmã do rei.

"O filme não é sobre a guerra ao terror!", diz diretor Ridley Scott

Na última edição do **Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema**, o filme em exibição é *Cruzada*, do diretor Ridley Scott. A atividade inicia às 8h30min, de 12 de novembro, e será seguida de um debate conduzido pelo Prof. Dr. José Alberto Baldissera. Leia a entrevista que reproduzimos a seguir, concedida pelo diretor ao repórter Sérgio D'Ávila, da **Folha de São Paulo**, em 4 de maio de 2005, bem como uma crítica publicada por Drex Alvarez em seu blog

(www.screamyell.com.br/cinemadois/cruzada.htm), em 13 de maio de 2005. Drex Alvarez é editor do site cartasdemaracangalha.blogspot.com

Folha de S.Paulo - Por que fazer um filme como Cruzada justamente agora?

Ridley Scott - Sempre quis fazer um filme de cavaleiro ou de caubói. São dois personagens iconográficos que sempre me impressionaram como cineasta. Para não desperdiçar meu tempo com um filme sobre um cavaleiro qualquer, Bill [o roteirista estreador William Monahan] me sugeriu que nós situássemos a ação nas Cruzadas, especialmente entre a segunda e a terceira, um momento historicamente rico.

Folha de S.Paulo - Mas o senhor concorda que há uma controvérsia em relação a esse tema, especialmente depois do 11 de Setembro?

Scott - Claro, mas há controvérsias em relação a qualquer tema histórico. Você quer me dizer que a Guerra do Iraque é religiosa, por exemplo? Pode ser que envolva facções religiosas, mas não é religiosa. Pensar que eu fiz este filme deliberadamente como um paralelo do nosso tempo...

Folha de S.Paulo - Mas como ignorar que o próprio Bush chamou primeiro "a guerra ao terror" de

"cruzada" e que os principais antagonistas são de novo cristãos e islâmicos?

Scott - Sim, e depois ele se desculpou pelo termo, assim como o Papa João Paulo II se desculparia pelas Cruzadas.

Folha de S.Paulo - Quero dizer que, talvez, do ponto de vista da Casa Branca, a Guerra do Iraque não seja religiosa, mas a "guerra ao terror" sim...

Scott - Mas este filme não é sobre a guerra ao terror! É mais sobre manter a paz do que sobre fazer a guerra, é o oposto, fala de compreensão entre as pessoas.

Folha de S.Paulo - O senhor certamente ouviu falar do filme *A Paixão de Cristo* e o sucesso de bilheteria que ele fez.

Scott - Sim.

Folha de S.Paulo - Não o influenciou o fato de que talvez este mesmo público possa estar sedento para ver um outro título em que os cristãos são retratados de maneira positiva, como acontece em *Cruzada*?

Scott - Não.

Cruzada

Por Drex Alvarez

Dizem por aí que a vida é feita de escolhas. Se são essas escolhas que definem a felicidade ou o sucesso, isso já é outra estória. Ridley Scott, por exemplo, começou sua nova empreitada cinematográfica com uma decisão certa. Ao querer filmar seu épico sobre as Cruzadas, as míticas guerras sancionadas pelo Papa com o objetivo de conquistar e manter o poder sobre Jerusalém, Scott tinha ao seu dispor quase 200 anos de História. Afinal, aconteceram nove Cruzadas entre 1095 e 1290.

Scott não se embrulhou em tamanha amplitude histórica e teve habilidade para escolher um período que, embora relativamente curto (seu filme se passa entre 1184 e 1187), contém acontecimentos que lhe permitiam fechar um arco narrativo bastante consistente. Um período historicamente crítico, cheio de reviravoltas dramáticas, vitórias relativas e derrotas fragorosas. Ou seja, um prato cheio de simbologias. Uma primeira escolha, portanto, bastante feliz.

Cruzada (Kingdom of Heaven) começa em 1184, quando os cristãos dominavam a Terra Santa. Tanto a Primeira Cruzada (lançada pelo Papa Urbano II) quanto a Segunda (iniciada em 1147) haviam sido bem sucedidas e garantiram a criação do chamado Reino Latino de Jerusalém. Naquele momento, o trono de Jerusalém era ocupado pelo rei Balduíno IV e, digamos assim, tal como hoje, administrar aquele barril de pólvora não era das tarefas mais fáceis. Uma cidade multiétnica, sagrada para três religiões, porta de entrada estratégica tanto para o Oriente e quanto para o Ocidente. A fim de tornar-se viável, Balduíno optou por uma política de tolerância e diplomacia. Permitia aos árabes liberdade de culto e

de trânsito, tentava coibir a violência religiosa dos radicais e amenizar as ambições das raposas políticas. Nesse equilíbrio delicado, Balduíno também tentava estabelecer uma espécie de "boa-vizinhança" com os domínios árabes vizinhos - três anos antes havia conseguido um acordo de paz com o Sultão Saladino.

Tornando tudo ainda mais frágil, Balduíno IV está morrendo. Utiliza uma máscara de prata para esconder o rosto desfigurado pela lepra (de Edward Norton, que interpreta o rei, só se ouve a voz). As disputas políticas pela sucessão abrem, então, espaço para uma infinidade de outros interesses. Seja por motivos religiosos, políticos ou econômicos, todos parecem interessados em provocar um confronto aberto com os árabes. E conseguem ter sucesso nesta empreitada.

É claro que, dentro deste macrocontexto, há também espaço para uma microtrajetória. O herói de *Cruzada* é, na verdade, Balian (Orlando Bloom), um modesto ferreiro de uma aldeia rural francesa, atormentado pelo suicídio de sua esposa. Em meio a sua tragédia pessoal, Balian recebe a visita de um cavaleiro cruzado, o Barão de Ibelin (Liaam Neeson), que lhe revela ser seu pai. Numa espécie de busca por redenção, Balian segue para Jerusalém, onde acaba ganhando espaço na corte do rei Balduíno e, posteriormente, se envolvendo na defesa da cidade contra o sultão Saladino.

Controvérsia

Depois de três parágrafos de sinopse (me perdoem, mas é um épico), já é possível perceber que Ridley Scott escolheu mexer em assuntos delicados. Falar de luta religiosa entre árabes e cristãos hoje é, com toda a certeza, brincar num vespeiro de opiniões nem sempre amistosas.

Por mais polêmico que o assunto seja, no entanto, muito me espantou ler algumas resenhas dos cadernos culturais brasileiros. Sérgio D'Avilla, na *Folha de São Paulo*, e Luiz Zanin Oricchio, no *Estadão*, consideraram que o filme de Scott defende a atual política imperialista norte-americana.

Com todo respeito, mas não é possível que eles tenham visto *Cruzada* de olhos abertos. Ou talvez, e isso parece ser bastante mais provável, lhes cause prazer encaixar algumas linhas de discurso antiamericano na resenha de qualquer *blockbuster* que venha do território ianque. É bonito, afinal, falar mal de Hollywood e, ainda mais, de George Bush.

Eu devo ter visto outro filme. Ou não fui capaz de alcançar as mensagens subliminares de Ridley Scott, porque, no que eu pude compreender, *Cruzada* oferece um tratamento dado aos árabes que há muito tempo não se via no cinema americano. Há respeito e pluralismo. Não que o filme seja muito sofisticado, mas seu maniqueísmo é multiétnico (existem mocinhos e bandidos dos dois lados, entre os cristãos e entre os árabes). O sultão Saladino é retratado como um líder que defende duramente suas posições, mas que está baseado em motivos coerentes, é equilibrado e aberto às negociações. Os árabes, em *Cruzada*, não são um bando de *orcs*¹⁵ ferozes e dispostos a ocupar Jerusalém. Fica claro que existem tanto motivos como irracionalidades em ambos os lados.

Ao contrário do teor religioso e conservador dos discursos de Bush, *Cruzada* traz o conflito para a dimensão laica, explicitando os interesses mundanos e as disputas político-econômicas. O discurso de Balian, inspirado em seu pai, é humanista, no sentido que prega que não se deve apegar-se a dogmas religiosos, mas sim aos valores éticos que temos em "nossa mente e nosso coração". Fica clara, em

¹⁵ Orc é uma antiga raça lendária de selvagens. (Nota da *IHU On-Line*)

diversas falas até demasiadamente didáticas, a visão crítica de que as Cruzadas manipulavam os motivos religiosos para conquistar terras e riquezas.

Ao contrário dos novos conservadores do Departamento de Estado dos EUA, *Cruzada* não prega ataques preventivos. Defende as possibilidades diplomáticas até a última alternativa. Não prega que haja uma "Verdade", política ou religiosa, a ser imposta unilateralmente. Na verdade, o filme coloca a culpa dos conflitos nas mãos dos radicais e ambiciosos, que forjam os motivos da guerra.

Dizendo tudo isso, parece até que *Cruzada* é um filme pró-árabe. Não é, mas foi esse tipo de polêmica que foi levantado por alguns intelectuais mais conservadores dos Estados Unidos e Inglaterra. Professores de Cambridge julgaram que o filme apresenta um fictício Islã evoluído e progressivo, tal como nos romances de Walter Scott. Chegaram a dizer que *Cruzada* era "a versão de Osama Bin Laden sobre a história". Ou seja, o filme gerou polêmica sim, mas uma polêmica inversamente diferente da levantada nos jornais brasileiros. Talvez por isso sente-se o tom irritado de Ridley Scott na entrevista que deu à *Folha de São Paulo*.

Uma trama racional, e não emocional

A simbologia ideológica de *Cruzada* carrega, é claro, no mito do herói em busca de si mesmo, através da "ética do caubói" (citada por D'Avilla), enaltecendo a conquista individual. Mas isso é uma mitologia americana, não necessariamente "bushiana". E todo filme de Hollywood está impregnado disso. Da mesma maneira, se o simples fato de falar sobre as Cruzadas, ou sobre qualquer conflito árabe-cristão, já for considerado imperialista e politicamente incorreto, então queimemos os livros de História.

Paranóia e críticas infundadas são um desserviço a qualquer causa. Querem

enxergar as "forças do imperialismo" em toda e qualquer obra comercial nada mais faz do que enfraquecer a credibilidade tão necessária para se denunciar os verdadeiros abusos. É a velha estória de mentir sempre sobre o lobo, e, quando o lobo realmente aparece, então ninguém acredita.

Ridley Scott, entretanto, deve ser criticado por outras escolhas, não as políticas. O diretor inglês, infelizmente, não conseguiu transformar o grande enredo que tinha nas mãos numa estória realmente empolgante. *Cruzada* é interessante racionalmente, mas não te conquista nunca pela emoção.

Talvez os atores escolhidos para os papéis mais jovens (Orlando Bloom e Eva Green) não tenham sido boas apostas. Nos momentos em que Jeremy Irons está presente na tela, é possível perceber como só um pouco mais de carisma já consegue imprimir um outro encanto ao filme.

Fica claro também que a fórmula dos atuais épicos históricos já se esgotou. Produção milionária, cenários belíssimos, gigantescas batalhas desenhadas digitalmente, tudo isso já

não impressiona mais. Peter Jackson, com a *Trilogia dos Anéis*, inventou e esgotou essa fórmula numa tacada só. Novamente passa a fazer falta, para que o filme seja verdadeiramente interessante, aquele algo a mais que só o talento artístico pode trazer. Ou, ao menos, que se tenha um roteiro consistente e um punhado de personagens interessantes. Penso em *Elizabeth* como um filme épico que reúne todas essas qualidades.

Polêmicas e defeitos à parte, *Cruzada* ainda é um filme que vale a pena assistir. E assistir no cinema, por favor. Afinal, se as superproduções valem algo, é para vê-las na grandiosidade da telona. Além disso, é um bom filme, muito atrativo para quem tem um mínimo interesse pela História, oferece boa ação e uma trama acima da média. E, por favor, que se esqueçam tantas neuras políticas e religiosas. Até Freud admitia - às vezes, um charuto é apenas um charuto. E, às vezes, nem há charuto ali. *Cruzada*, se peca por algo, é por, às vezes, parecer idealista demais. No fim, dá até para torcer pelo mocinho. Sem culpa nenhuma.

Uma página com um desafio: fazer pensar

Desde maio de 2003, o Instituto Humanitas Unisinos (IHU) está mais próximo de seu público. Por meio da página eletrônica do instituto (www.unisinos.br/ihu) fundado em setembro de 2001 e sediado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, os internautas têm acesso à agenda dos eventos promovidos pelo IHU, podem consultar suas publicações - entre elas, a revista semanal *IHU On-Line*, *Cadernos IHU*, *Cadernos IHU em Formação*, *Cadernos IHU Idéias* e *Cadernos de Teologia Pública* - e, ainda, acessar um resumo publicado diariamente, no início da manhã, das principais notícias do dia.

As notícias diárias

A atualização leva em conta não só os fatos mais marcantes, mas notícias referentes a temas que provoquem um questionamento nos internautas. De política à ecologia, sem deixar de passar por economia, conjuntura eclesial

e direitos sociais. A idéia é informar o leitor que não tem tempo de consultar jornais de todo país e até publicações internacionais e instigá-lo ao debate, além de oferecer material exclusivo, produzido pela equipe de comunicação.

A página eletrônica do IHU também funciona como ferramenta de aprendizagem. Todas as publicações do Instituto, passado um mês do seu lançamento, ficam disponíveis no site para download. A exceção é a revista *IHU On-Line*, disponível todas as segundas-feiras à tarde, no momento de sua postagem na internet.

Atendimento espiritual on-line

Como driblar crises existenciais e inquietações religiosas? O site do IHU oferece serviços que tentam ajudar a resolver problemas como esses. São eles: o atendimento espiritual e a oração on-line, além de responder a pedidos de orações. Semanalmente é publicado um comentário do Evangelho de Domingo.

A filosofia pode ser resumida por uma frase, que introduz a apresentação do Instituto Humanitas Unisinos, na página eletrônica: “Arrisca teus passos por caminhos pelos quais ninguém passou; arrisca tua cabeça pensando o que ninguém pensou”. A mensagem foi pintada por um militante anônimo, em maio de 1968, nas paredes do teatro Odéon, em Paris, e serve de inspiração para todo o trabalho desenvolvido no IHU e refletido diariamente no site por meio das notícias do dia.

O principal objetivo do IHU é apontar novas questões e buscar respostas para os grandes desafios de nossa época, a partir da visão do humanismo social cristão, participando, ativa e ousadamente, do debate cultural em que se configura a sociedade do futuro. Para isto, é constituído por três grandes eixos de atividade: Ética, Trabalho e Teologia Pública.

O IHU quer contribuir na realização da missão da Unisinos como universidade jesuíta que busca tornar efetiva a missão da Companhia de Jesus da diaconia da fé, da promoção da justiça e do diálogo cultural e inter-religioso.

Vários dos serviços da página do IHU alimentam também a página www.jesuita.org.br

Além disso, semanalmente entrevistas e textos produzidos pelo IHU são veiculados na página www.amaivos.com.br com sede no Rio de Janeiro.

Clair Ziebell



O senso comum diz que pessoas que convivem com situações extremas, difíceis e dolorosas tendem a ficar, com o passar do tempo, mais indiferentes, talvez um pouco mais duras. As próximas linhas desmentem esta máxima e mostram o quanto a ternura se faz presente em alguém que já acompanhou situações de total exclusão. Se pudéssemos resumir pessoas em adjetivos poderíamos dizer que esta é uma idealista eternamente inconformada. Não podemos. Impossível seria definirmos essas sutilezas, sobretudo, quando afloram emoções com facilidade ao lembrar de uma situação especial ou de uma pessoa querida. Um diploma lhe confere o título de mestre em

Educação. Sua trajetória mostra muito mais do que isso. É mestre, sim, na arte de construir novos caminhos e transformar sentimentos em ações que contribuem para mudar, de fato, a situação social deste país. Vamos conhecer um pouco mais de Clair Ziebell, assistente social, coordenadora do projeto Serviço Social:Assessoria a Movimentos de Mulheres, da Unisinos e professora no curso de Serviço Social, também nesta Universidade.

Família – Meu pai, Germano Ziebell, era pescador em São Lourenço do Sul e minha mãe, Elizabeth Ribeiro, também trabalhava na indústria da pesca. Sou a mais velha de sete irmãos. Naquela época, isso nos anos de 1960, quando era período de safra, a maioria das famílias tirava os filhos da escola para acompanharem o pai durante a pescaria. Meu pai saía para pescar em agosto e voltava em dezembro. Durante este período ele vinha uma ou duas vezes em casa. Se desse, a família ia com ele, mas quando chegamos à idade escolar, começamos a ficar na cidade. Como as famílias se mudavam e na volta os filhos, que haviam ficado fora da escola, precisavam prestar provas no então curso primário, eu, que permanecera na escola, os ensinava. Eu devia ter uns nove ou 10 anos e foi aí que peguei gosto por ensinar. Fiz isso até uns 12 anos aproximadamente. Quando entrei no segundo grau, comecei a trabalhar. Não pude fazer o curso Normal porque era durante o dia. Fui fazer contabilidade. Hoje convivo com Iliseu José Faccin, formado em Direito pela Unisinos. Temos o que a lei chama de união estável. Como se alguma lei pudesse prever nossas relações privadas.

Momento decisivo – Durante o segundo grau, comecei a trabalhar na Santa Casa de São Lourenço do Sul. Fiquei lá por 11 anos. Eu já me identificava com o Serviço Social, até pela minha história de vida, e no hospital comecei a perceber algumas realidades que me ajudaram a decidir por este curso. Uma das coisas que não entendia era como as pessoas podiam ser discriminadas em um lugar onde já se chegava fragilizado pela saúde. O sistema de saúde era diferenciado para pessoas que moravam na zona rural e na zona urbana. Uns tinham Funrural e outros Inamps¹⁶. Quem não tinha nada era considerado indigente. Embora hoje eu veja que o atendimento prestado era bom, de

¹⁶ Funrural e INSS: nomenclaturas que denominavam o antigo sistema de Previdência Social, na época, diferenciado para zonas urbanas e rurais. (Nota da *IHU On-Line*)

muito respeito, ficava evidente a forma diferenciada com que as relações se estabeleciam.

Trajetória profissional – No hospital, eu trabalhei como recepcionista, atendente e na contabilidade, fazia balanço, livro caixa, essas coisas. Depois de um tempo, meu chefe me tirou algumas horas dessa atividade e me passou para uma função meio de secretária executiva, alguém que poderia executar tanto as funções burocráticas, como sociais. Encantei-me mais ainda com a parte social porque tinha que ouvir as pessoas. Eu lutei muito para conseguir fazer Serviço Social. O curso era diurno, eu trabalhava e tive que renunciar ao trabalho no último ano. Em 1981, fui morar em Pelotas para poder fazer estágio. Era outro contexto, eu tive coragem de me desempregar e hoje acho que não teria. Formei-me, em 1982. Depois de formada, trabalhei por quatro anos na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), cedida para a Caritas Diocesana. Lá eu era supervisora de estágio dos alunos da graduação em Serviço Social que faziam da Caritas seu campo de estágio. Gostava muito do trabalho que fazia, mas, ao mesmo tempo, precisava romper as amarras com a cidade do interior se quisesse crescer e continuar estudando. Sempre tive vontade de lecionar, porém, mesmo trabalhando na UCPEL não via muitas perspectivas de fazer parte do corpo docente. Nunca havia pensado em ser professora universitária, mas queria ser professora. Talvez esse desejo fosse fruto de uma educação desigual de gêneros, é um desejo, em geral, “feminino”, mas, é possível também que essa fosse a minha vocação.

Mudança – Em 1987, fui morar em Porto Alegre. Em Pelotas, havia começado a militar no Movimento de Meninos e Meninas de Rua e vinha muito à capital por causa disso. Fazia parte da comissão de organização do movimento, e amigos que conheciam meu trabalho me convidaram e me mudei. Toda a década de 1980 foi muito importante para os movimentos sociais. Com o movimento, que se iniciou entre 1984 e 1985, queríamos acabar com toda a política punitiva desconsideradora da cidadania das crianças que era expressa pela Funabem e pelas Febens da época. Muitas pessoas que acreditavam em outras metodologias, começaram a se organizar nas suas comunidades, na igreja e em outros setores da sociedade. O movimento trabalhava tanto na abordagem das crianças como na formação de educadores. Coordenei o movimento durante algum tempo em Porto Alegre e trabalhei como educadora social de rua. Essa mobilização me deu uma visão mais abrangente do que são os movimentos sociais, até porque este se organizou nacionalmente. Hoje o que temos de legislação e, até mesmo, o Estatuto da Criança e do Adolescente, foi resultado deste trabalho. Em Porto Alegre, também trabalhava na Associação Cristã de Moços (ACM). Contribuí na implantação do serviço social lá.

Mulheres – Há 15 anos trabalho com mulheres, em São Leopoldo. Quando comecei era para ser um trabalho de comunidade, mas percebi que havia um problema de gênero. As mulheres estavam inseridas em todos os contextos. Em fornos comunitários, em creches, envolvidas em atividades com crianças com dificuldade de aprendizagem. Lutavam por creche, por escola, lutavam para comer. O projeto de Assessoria a Mulheres, nasceu já para ser um espaço destinado ao estágio curricular do curso de Assistência Social da Unisinos. Queríamos dar uma formação mais voltada aos movimentos. Demos essa abordagem de assessoria porque entendíamos que a sociedade já tinha suas formas de organização, não precisaríamos criar nada. Não havia política pública no município, lutávamos basicamente pelo direito a ter direito. O projeto veio sofrendo metamorfoses. No início, atuava em grupos ligados às CEBs, na Igreja Católica. As mulheres só tinham as comunidades para organizarem-se. Com o tempo começamos a trabalhar para que os movimentos se laicizassem, não

desrespeitando o que as mulheres tinham como crença, investimos num processo de educação popular em que fomos inserindo questões de cunho feminista. É muito bonito ver como elas vão crescendo. Descobri-me uma feminista durante este trabalho.

Aprendizado - Aprendi muito mesmo nesse tempo de vida profissional. Mas o que mais me intriga é entender que força mantém as pessoas de classes mais populares lutando, apesar de toda a desesperança e do contexto tão desigual e injusto. Com as crianças de rua aprendi as maiores lições de força e coragem que eu, como adulta, me perguntava se teria. Elas tinham uma garra, uma paixão pela vida. O Segundo Encontro de Meninos e Meninas de Rua, que aconteceu em 1989, foi muito forte em termos de organização e denúncia de extermínio e outros abusos. Posso dizer que, como professora e como assistente social, tenho um conteúdo histórico nas mãos de coisas que vivi e sofri.

Transformações - Estou revendo minha vida por vários motivos, em razão de vivências gostosas e outras duras. Perdi meu pai há pouco tempo e acho que, quando se perde um dos pais, se percebe que somos finitos. Enquanto se tem pai e mãe, pensamos que somos eternos. Nunca havia pensado em morrer, mesmo quando estive doente há algum tempo. Eu via a vida de meu pai se esvaindo, fazia tudo, mas o tudo que eu fazia não era nada. Passei a me perguntar o que é a vida. Tenho uma outra concepção sobre a transcendência que é diferente daquela fé instituída, formal.

Sonhos - Estou contribuindo com a formação de uma sobrinha em Serviço Social e quero muito que ela consiga realizar-se nesta profissão, mesmo num contexto tão duro. Há também uma insatisfação com o mundo e com a sociedade que todos temos. Estes dias, estava vendo uma propaganda do governo federal que fala do Brasil de todos. Fico me perguntando quando este país vai ser de todos e *de todas*.

Livro - *Se me deixam falar: depoimento de uma mineira boliviana*, de Moema Viezzer e *O ponto de mutação*, de Fritjof Capra.

Autora - Simone de Beauvoir

Filme - *O ponto de mutação*, de Bernt Capra, baseado no livro de Fritjof Capra e *Chove sobre Santiago*, de Helvio Soto.

Horas Livres - Gosto de ir para São Lourenço do Sul, de ouvir música e de passear pela serra, adoro caminhar pelo verde.

Presentes - Gosto principalmente daqueles que não podemos retribuir. Uma vez a senhora que trabalha comigo, a Elza, me trouxe umas rosas muito bonitas. Ela disse: "Hoje eu vi essas rosas e não agüentei, trouxe para a senhora". Ela deixou junto um bilhete. Ela estava se alfabetizando e aquele bilhete me comoveu às lágrimas. Podia ter ganhado uma jóia, mas nada teria o valor das flores da Elza com aquele bilhete.

Unisinos - Estar aqui há 15 anos já diz muito. É lugar onde consegui realizar muitos sonhos de trabalho na perspectiva daquilo em que acredito, de compromisso com movimentos, com lutas por direitos e transformações sociais. Tenho muito boas recordações e imagens que guardo desses 15 anos. Hoje, com as mudanças que estão ocorrendo, ficamos tensos. Surgem muitos questionamentos, mas torcemos para que encontremos um rumo que fique bom pra todos. Tem sido um lugar muito bom de trabalhar.

Instituto Humanitas Unisinos - É um canal de interrogação permanente, de questionamentos, de novas idéias, de desafios. Penso que tem um papel importante, de um constante *vir a ser* da universidade. Ele faz um pouco isso, desarruma as coisas com uma entrevista e ao mesmo tempo reordena.